



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA-PPGS
Campus Universitário “Ministro Petrônio Portella” – Bairro Ininga
CEP 64049-550



RAPHAEL GERARDO MORAIS DE OLIVEIRA

DO MOVIMENTO ALTERNATIVO “POEZINE” EM TERESINA-PI AO SARAU
“RATOS DI VERSOS” NO RIO DE JANEIRO- RJ

TERESINA - PIAUÍ
2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA-PPGS.
Campus Universitário “Ministro Petrônio Portella” – Bairro Ininga CEP
64049-550



RAPHAEL GERARDO MORAIS DE OLIVEIRA

DO MOVIMENTO ALTERNATIVO “POEZINE” EM TERESINA AO SARAU
“RATOS DI VERSOS” NO RIO DE JANEIRO- RJ.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia-PPGS, da Universidade Federal do Piauí-UFPI como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Sociologia, sob a orientação da professora Dra. Francisca Verônica Cavalcante.

1. Orientadora: Profa. Dra. Francisca Verônica Cavalcante
2. Área de concentração: Processos, atores e desigualdades sociais.
3. Linha de pesquisa: Gênero e geração

TERESINA - PIAUÍ
2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

O48d Oliveira, Raphael Gerardo Morais de.
Do movimento alternativo “Poezine” em Teresina-PI ao sarau
Ratos di Versos no Rio de Janeiro-RJ / Raphael Gerardo Morais de
Oliveira. -- 2023.
97 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Teresina, 2023.
“Orientadora: Profa. Dra. Francisca Verônica Calcante.”

1. Drogas psicodélicas. 2. Alucinógenos. 3. Movimento
contracultural alternativo. 4. Sociologia. I. Cavalcante, Francisca
Verônica. II. Título.

CDD 394.14

Bibliotecária: Milane Batista da Silva – CRB3/1005



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

REQUERIMENTO DE SOLICITAÇÃO DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Solicitamos a esta coordenação as providências necessárias para a realização da banca de defesa de dissertação do (a) discente: Raphael Gerardo Morais de Oliveira

Dados do Projeto de Pesquisa		
Título: DO MOVIMENTO ALTERNATIVO "POEZINE" EM TERESINA-PI AO SARAU RATOS DI VERSO NO RIO DE JANEIRO- RJ		
Quantidade de páginas:	101	Submissão ao CEP: () SIM () NÃO
Composição da banca		
Data: 24/08/2023		Horário: 10 horas
Presidente da Banca: Doutora FRANCISCA VERÔNICA CAVALCANTE		
Membro Interno: Doutor Francisco de Oliveira Barros Júnior		
Membro Externo: Doutora Joalice Santos Conceição		
Membro Externo à UFPI: Doutora Joalice Santos Conceição		
CPF: 63243652553		
EMAIL: joaliceconceicao@gmail.com		
MAIOR TITULAÇÃO E ANO: Doutorado 2011		
INSTITUIÇÃO DE ORIGEM: UNILAB		
Membro Suplente: Francisco Pereira Farias		

Teresina (PI), 26 de julho de 2023

Francisca Verônica Cavalcante

Francisca Verônica Cavalcante
Orientadora

Raphael Gerardo Morais de Oliveira

MESTRANDO

Dedico esta produção científica ao G.A.D.U
(Grande Arquiteto Do Universo) e a todas as
plantas de poder.

Agradecimentos

Agradeço inicialmente ao G.A.D.U (Grande Arquiteto Do Universo) e à minha família, em especial, ao meu filho Antônio Carlos de Oliveira Neto que é a minha principal motivação. Agradeço aos meus pais, Antônio Carlos de Oliveira e Conceição de Maria Morais Oliveira; ao meu irmão Igor Heliomar de Morais Silva e à minha "Madinha" Tereza Maria de Morais pelo incentivo nesta caminhada.

Meus sinceros agradecimentos aos que contribuíram com esta pesquisa, em especial à Profa. Dra. Francisca Verônica Cavalcante, ao Prof. Dr. Francisco de Oliveira Barros Júnior e ao Prof. Dr. Francisco Pereira Farias.

Agradeço também à minha companheira Prof. Vanessa Feitosa, pelas noites de estudo, compreensão e incentivo durante essa jornada acadêmica tão importante.

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender quais são os marcadores identitários constituídos nos rituais de uso das drogas psicodélicas dentro do segmento alternativo que geram os conflitos na relação com os diversos grupos sociais existentes na sociedade contemporânea das cidades de Teresina-PI e Rio de Janeiro- RJ. De modo específico, busca identificar os movimentos alternativos dentro dos movimentos sociais; mapear os grupos de usuários de drogas psicodélicas dentro dos movimentos alternativos; conhecer a noção de drogas psicodélicas para os usuários e produzir um vídeo etnográfico sobre os conflitos gerados pelos rituais de uso de drogas psicodélicas nos movimentos alternativos. Para isso, utilizo as noções teóricas de Marc Augé(2003) no seu conceito de supermodernidade; Karl Marx (2013) e os clássicos da sociologia Marx Weber (2000) e Durkheim(1999) para ilustrar o conceito de trabalho; Maffesoli(1988) no conceito de “tribos”; Ortega y Gasset(1966), Mannheim(1993) sobre juventude e geração; Comaroff, J & Comaroff(2010) acerca do conceito de alternativo; Lévi-Strauss(1962), Bourdieu(1989) e Saussure(2006) em suas contribuições teóricas sobre estruturalismo e estrutura da linguagem; entre tantos outros; realizando a pesquisa de campo por meio de entrevistas, do recolhimento de imagens fotográficas e da observação participante. As análises previamente nos encaminham para a identificação de conflitos internos (etiquetas no uso de drogas e criação artísticas perto de crianças), assim como conflitos externos (etiquetas morais no uso de drogas psicodélicas em ambientes onde existem a presença de não usuários).

Palavras-chaves: Movimento contracultural alternativo; Poezine; Ratos di versos; Drogas psicodélicas; Juventude; Trabalho.

ABSTRACT

This research seeks to understand what are the identity markers constituted in the rituals of use of psychedelic drugs within the alternative segment that generated conflicts in the relationship with the various social groups existing in contemporary society in the cities of Teresina-PI and Rio de Janeiro-RJ. Specifically, it seeks to identify alternative movements within social movements; map groups of psychedelic drug users within alternative movements; get to know the notion of psychedelic drugs for users and produce an ethnographic video about the conflicts generated by the rituals of psychedelic drug use in alternative movements. For this, I use Marc Auge's theoretical notions in his concept of supermodernity; Karl Marx and the classics of sociology Marx Webber and Durkheim to illustrate the concept of work; Maffesoli on the concept of “tribes”; Ortega y Gasset, Mannheim on youth and generation; Comaroff, J & Comaroff about the concept of alternative; Lévi-Strauss, Bourdieu and Saussure in their theoretical contributions on structuralism and language structure; among so many others; conducting field research through interviews, collection of photographic images and participant observation. Previous analyzes led us to identify internal conflicts (etiquettes in drug use and artistic creation around children), as well as external conflicts (moral etiquettes in the use of psychedelic drugs in environments where non-users are present).

Keywords: Alternative countercultural movement; Poezine; Different rats; Psychedelic drugs; Youth; Work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I: POEZINE E ANÁLISE DO TEXTO EDITORIAL	16
1.1 MOVIMENTO ALTERNATIVO NO PIAUÍ, DO MIMEÓGRAFO AO POEZINE ...	16
1.2 ANÁLISE DO TEXTO EDITORIAL	17
CAPÍTULO II: OS RATOS DI VERSOS E OS MOVIMENTOS ALTERNATIVOS NO RIO DE JANEIRO	21
2.1 UM BREVE CONTEXTO DO MOVIMENTO ALTERNATIVO E MARGINAL NA DÉCADA DE 70.....	21
2.2 SARAU RATOS DI VERSOS.....	24
CAPÍTULO III: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	26
3.1 TEORIA E METODOLOGIA	26
3.2 TRABALHO PRODUTIVO E A LÓGICA RACIONAL DA COESÃO DO TRABALHO	32
3.3 PANDEMIA, JUVENTUDE E TRABALHO	34
3.4 EMOÇÕES NO ESTUDO SOCIOLÓGICO DA JUVENTUDE NOS MOVIMENTOS ALTERNATIVOS	48
3.5 MOVIMENTO ALTERNATIVO, JUVENTUDE E TRABALHO.....	52
3.6 REFLEXÕES A POSTERIORI	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE	60

INTRODUÇÃO

Esta investigação observa os movimentos alternativos dentro dos movimentos sociais, bem como, os grupos de usuários de drogas psicodélicas dentro dos movimentos alternativos. Para tanto, propõe-se uma análise da ação social que envolve o uso ritual de drogas psicodélicas buscando a noção que os usuários têm acerca deste tipo de drogas.

Para uma coleta de dados confiável e buscando a objetivação da pesquisa subjetiva, como sugere Bourdieu (1983), investigamos duas cidades 2.591,0 km distantes entre si e culturalmente distintas, apesar de permanecerem no mesmo país enquanto zona geográfica. Segundo estimativa do IBGE ¹ Teresina possui cerca de 868.075 pessoas, e Rio de Janeiro – RJ 17.366.189 pessoas, sendo a primeira historicamente conhecida por suas características provincianas enquanto que a segunda é conhecida popularmente por muitos como Babilônia ². Teresina está situada na Região Nordeste do Brasil, sendo a capital do Estado do Piauí, fazendo fronteira com o Estado do Maranhão pela cidade de Timon, fato que facilita a troca de vários símbolos culturais e marcadores identitários entre os dois estados brasileiros. Esta capital já é um local constituidor de vários lugares e não-lugares dentro dos movimentos sociais e alternativos, embora traga em sua cultura traços provincianos.

Na cidade de Teresina, como em todo lugar onde a droga atua como fato social, existem conflitos gerados pelo uso de drogas. Desse modo, revela-se oportuna a expansão da pesquisa e a proposição de um olhar sociológico comparativo, deslocando-o para outra região do país, supostamente distinta de valores, com uma cultura capaz de gerar marcadores identitários diferenciados – a cidade do Rio de Janeiro, que hoje é a capital do Estado do Rio de Janeiro, mas, já foi durante muito tempo a capital do Estado brasileiro. Ela está localizada na Região Sudeste do Brasil e é conhecida como uma das maiores metrópoles mundiais e como capital cultural.

Compreender quais são os marcadores identitários presentes nos rituais de uso de drogas psicodélicas dentro do segmento alternativo e dos movimentos sociais é o objetivo geral desta pesquisa. De modo específico, trilha-se os caminhos para identificar os movimentos alternativos dentro dos movimentos sociais, bem como, mapear os grupos de usuários de drogas psicodélicas dentro dos movimentos alternativos; conhecer a noção de

¹ Informação retirada do site www.ibge.gov.br

² Segundo Sâmara Costa (2021) “Termo usado para designar o modo de vida ocidental - Sistema Capitalista onde reina consumismo, individualismo e a destruição da natureza - e que altera a pureza original.”

drogas psicodélicas para os usuários e, por fim, produzir um vídeo etnográfico sobre os conflitos gerados pelos rituais de uso de drogas psicodélicas nos movimentos alternativos.

Desde o ano de 2001, eram frequentes os debates políticos em toda a UFPI (Universidade Federal do Piauí) onde construí meus primeiros passos no movimento estudantil ainda no CAT (Colégio Agrícola de Teresina) durante as lutas pelas carteiras estudantis secundaristas do CAT, elas não foram entregues nesse ano causando um grande transtorno para comunidade secundarista, e nas disputas políticas pelo GRÊMIO da escola.

A poesia recitada foi vista como um verdadeiro movimento de contracultura em que anarquistas, socialistas e niilistas construíram, juntos, recitais de poesia e debateram os rumos da cultura política e da própria condição existencial humana ao som de: Racionais MC'S, Nação Zumbi, Pink Floyd, Roque Moreira, Rosa Atômica, Piolho de Cobra, Fernando Araújo, Léo Lagostão, Os Caipora, entre outras manifestações musicais alternativas no Piauí³. No espaço entre uma música, um poema, um discurso político, surgia o movimento alternativo da UFPI nos primeiros anos da primeira década do segundo milênio cristão.

Em 2002 aconteceu na UFPI um fato histórico que mudaria de uma vez por todas o cenário dos movimentos sociais presentes naquela universidade, enquanto campo social onde o poder simbólico está sendo disputado, esse fato foi a ocupação da reitoria da UFPI no final da Gestão do reitor Pedro Leopoldino quando quase 300 estudantes dos mais diversos centros invadiram e ocuparam os espaços da reitoria forçando o reitor a fugir por uma saída secreta construída e utilizada desde a época da ditadura militar, havendo uma intervenção da Polícia Federal com agentes armados para retirada dos estudantes do local resultando em perseguições e processos judiciais na esfera federal de estudantes membros do movimento.

Em 2003 o movimento alternativo da UFPI realiza a Semana de Filosofia no CCHL(Centro de Ciências Humanas e Letras) com o tema: “Hipermidia, Deseducação e Cultura”, evento que ficaria lembrado como o Woodstock do Piauí, em que artistas de outros estados como Leão Negro, compositor e músico da cidade de Feira de Santana na Bahia que morou entre junho de 2002 e fevereiro de 2003 no Centro Acadêmico de Filosofia na UFPI, participaram junto com as mais diversas bandas e poetas alternativos piauienses como: Os

³ *Os Caipora* é uma banda de música autoral piauiense na qual em sua formação original que tocou na semana de filosofia de 2003 tinham os músicos: Girão na percussão, Agostinho percussão, Gaspar na guitarra e Hernane Filipe e Roberto Portela na vocal; *O Conjunto Roque Moreira* é uma banda de música autoral piauiense que tocou em sua formação original (2003) era composta pelos músicos: Raimundo Gutemberg (“Bai Bai”-estudante de filosofia da UFPI e baixista), Abú e Arnaldo (percussionistas), Daniel Huck (Vocal); Rosa Atômica é uma banda autoral piauiense extinta, cuja durabilidade foi de 2011 a 2004 e era formada: Abú e Arnaldo, Raimundo Gutemberg (Bai Bai) e o vocalista Adolfo Severo.

No ano de 2004, depois da greve dos trabalhadores da UFPI, da qual participaram os servidores, técnicos, professores e estudantes, houve a edição do primeiro POEZINE⁴ entre outubro e setembro com 1450 cópias daquele zine circulando em Teresina e também em algumas cidades como: São Luís, Fortaleza e Brasília. Na primeira edição veio uma carta aberta destinada aos leitores de Teresina (alguns versos de minha autoria) e um poema intitulado “Cajuína com gosto de Café” do estudante de filosofia hoje Mestre e professor do IFPI Egmar Sousa. O movimento foi uma febre, havia em todo canto e todas as tribos ou turmas comentavam o Poezine. Com a segunda edição, todos os estudantes do curso de Filosofia foram convidados para contribuir com o zine. Logo, surgiram alguns versos do Marciano Punk, desenhos do Fábio Wolverine, texto do poeta Elder que assinava como Pária e, também, o texto do Fernando Araújo que resumia todo aquele movimento⁵, dessa maneira então surgia o movimento Poezine na UFPI.

Chegamos ao ano de 2005 e o Poezine já havia transcendido da poesia impressa no papel e recitada nas pracinhas da UFPI em “vinhadas” e “quintas culturais”⁶ para outros formatos de mídia em sua quarta edição com o disco CD “Meia Hora de Loucura” disponível no apêndice deste trabalho, em que os poetas gravaram em vários recitais realizados na UFPI, e a quinta edição no formato de cinema com o filme etnográfico de 22’41” “Teresina ô-ku do Mundo Poesia Rebeldia Arte E (...)” que relata um pouco da experiência do movimento Poezine exibido em festivais nacionais e mostras por todo o país.

O ano de 2006 foi marcado por uma breve interrupção das publicações impressas do Poezine, tendo o movimento focado em suas produções para a construção de filmes curta metragem na categoria experimental mixando poesia com sons autorais e imagens do cotidiano social evocando uma nova linguagem com marcadores identitários.

Finalmente, em 2008 concluí o curso de Bacharelado em Ciências Sociais na UFPI realizando através do NUPEC (Núcleo de Pesquisas sobre Crianças, Adolescentes e Jovens) sob orientação da Profa. Dra. Lídia Noronha a pesquisa intitulada “Os valores constituídos no uso ritual das drogas psicodélicas, e os conflitos gerados por esses rituais com os diversos grupos sociais presentes no espaço universitário” produzindo além do relatório de pesquisa o filme etnográfico “Psicodelia - Uma Experiência Visionária” relatando a experiência com

⁴ “*Poezine*” é o nome oficial do fanzine de poesias e artes publicado pelo movimento social alternativo de Teresina que ficou conhecido pelo mesmo nome do fanzine.

⁵ “*Marciano Punk*” era, na época, estudante da graduação de História. Hoje, é mestre em História e professor do IFPI; Elder era da graduação em Letras, e atualmente professor da SEDUC-PI; Fábio Vieira era estudante de Filosofia poeta e escritor e hoje residente em Baurú-SP e autor do livro “Cidade Suicida

drogas e movimentos alternativos de alguns sujeitos da pesquisa de acordo com suas vivências e conflitos no espaço universitário.

Para além dos limites da produção acadêmica, o ano de 2008 foi marcado pela primeira participação do movimento Poezine em um grande festival internacional de cinema como o Vide Vídeo da UFRJ com os filmes “Coisas Da Vida”, “A Tragédia Humana ou A evolução pós-moderna das máquinas” com a trilha sonora do professor do IFPI e poeta Ferreira Smith, e “O Paradoxo Da Supermodernidade”.

Teresina está situada na região nordeste do Brasil sendo a capital do Estado do Piauí, fazendo fronteira com o Estado do Maranhão pela cidade de Timon, facilitando a troca de vários símbolos culturais e marcadores identitários entre os dois estados brasileiros. Esta capital já é um local constituidor de vários lugares e não-lugares Marc Augé (2003) dentro dos movimentos sociais e alternativos, embora traga em sua cultura traços provincianos.

A aceleração das relações humanas na modernidade, como sugere Augé (2003), dentro do contexto da pandemia do COVID-19 facilitou a construção dos saraus como o “Ratos di Versos” em ambientes virtuais onde artista de todos os cantos do Brasil e do mundo se encontravam, acontecendo dentro do processo de modernização do mundo com a super abundância factual (aumento das relações factuais como a guerra ou pandemias, devido à economia de tempo, que antes da modernidade levavam anos ou décadas para dominar um continente hoje demoram dias ou meses), e superabundância temporal (menor quantidade de tempo gasta para realização de tarefas como atravessar o oceano em menos de 24 horas de avião enquanto que essa viagem demorava em média 3 meses de navio a pouco mais de cem anos), além da superabundância espacial (ciberespaço ou internet) que contribuem para as novas relações oriundas desse processo sejam cada vez mais superficiais, e a formação identitária e cultural do sujeito nesses “tipos ideais” de sociedade transformada pelo novo espírito do capitalismo e novos valores capitalistas individualistas no novo projeto de lucro.

No decorrer da pesquisa de campo, foram constatados conflitos entre usuários de drogas psicodélicas e os diversos grupos sociais existentes nos movimentos alternativos por conta do choque de valores constituídos na construção corporal de uma identidade alternativa e na busca por novas formas de organização e arranjos sociais diante da hegemonia vigente, transfigurando diversos discursos hegemônicos sendo nesse ponto mui previsível as ideias sobre estrutura da linguagem em suas relações simbólicas presentes no conceito e na aplicação do conceito do dialogismo outrora já percebido por Bakhtin/Volochinov (2006) em sua proposta inicial das formas de compreender a estrutura da linguagem, o objeto de estudo

desta pesquisa que consiste na relação simbólica constituída entre os marcadores identitários no uso ritual das drogas psicodélicas, diante e dentro dos movimentos alternativos nas cidades de Teresina-PI e Rio de Janeiro-RJ via o sarau “Ratos Di Versos” conforme veremos nas páginas que seguem.

Visando a investigação proposta, a presente pesquisa busca responder ao seguinte problema: quais os lugares que sujeitos que fazem uso de drogas psicodélicas e participam de movimentos sociais de contracultura alternativos na UFPI e sociedade contemporânea ocupam, gerando os conflitos na relação com os diversos grupos sociais existentes na sociedade das cidades de Teresina-PI e Rio de Janeiro- RJ?

Qual é, então, esta magia do etnógrafo, com a qual ele consegue evocar o verdadeiro espírito dos nativos, numa visão autêntica da vida tribal? Como sempre, só se pode obter êxito através de uma aplicação sistemática e paciente de algumas regras do bom senso, assim como de princípios científicos bem conhecidos, e não pela descoberta de qualquer atalho maravilhoso que conduza ao resultado desejado, sem esforços e sem problemas. Os princípios metodológicos podem agrupados em três unidades: primeiro lugar, é lógico, o pesquisador deve possuir objetivos genuinamente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna. Em segundo lugar, deve o pesquisador assegurar boas condições de trabalho, o que significa, basicamente, viver mesmo entre os nativos, sem depender de outros brancos. Finalmente, deve ele aplicar certos métodos especiais de cometa, manipulação e registro da evidência (MALINOWSKI, 1976, p. 24).

Nesta referida pesquisa, utilizamos a técnica da observação participante que coloca o pesquisador no universo cotidiano do seu objeto de pesquisa, técnica que é já utilizada por outros etnógrafos desde Malinowski, que tem caráter qualitativo, com a finalidade de levantar e analisar as informações detalhadamente.

Em 2006 e 2007, o movimento Poezine, por meio da TrapyzoOoMBA Produções ⁶ realizou a finalização de mais de 30 filmes curta metragens se destacando os filmes “A Natureza Pede Socorro” e “A Fuga” participaram do Festival do Minuto de Teresina ⁷, e o filme “O PaRaDoXo Da SuPeRmOdErNiDaDe” que participou do FESTIVÍDEO ⁸ de Teresina-PI no final do ano de 2007, e em 2008 foi indicado para prêmio popular do Vide Vídeio UFRJ ⁹ realizado no campus da Urca na cidade do Rio de Janeiro.

⁶ TrapyzoOoMBA Produções é a produtora de cinema e teatro do movimento POEZINE

⁷ Festival do minuto foi um festival de vídeo organizado pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves

⁸ Festivídeo foi o festival de cinema e vídeo curta metragem organizado pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves em Teresina que participou de trabalhos de vários estados do Brasil tendo sua última edição realizada no ano de 2007.

⁹ Festival de vídeo e cinema da UFRJ organizado pela Escola de Comunicação

Para acesso ao movimento POEZINE, utilizamos a alternativa de análise do vídeo etnográfico experimental “Teresina Ô-Ku do Mundo Poesia Rebeldia Arte E...”¹⁰, o qual mostra os personagens do movimento em seus processos produtivos e a forma como esse movimento é visto por eles e pela sociedade teresinense.

Considerando o contexto histórico em que a pesquisa está sendo construída, pandemia do COVID-19, para coleta de dados segura mantendo os protocolos de distanciamento social, no movimento alternativo “Ratos Di Versos” do Rio de Janeiro –RJ participamos dos saraus na modalidade on-line pelas plataformas Jitsi Meet e Zoom que foram transmitidos ao vivo pelas páginas do Facebook dos membros que organizaram e participaram do sarau na cidade do Rio de Janeiro e diversas outras do Brasil e do mundo durante os anos de 2020 e 2021.

O método utilizado para análise do POEZINE será o “estudo de caso”, analisando o movimento social ocorrido entre 2001 e 2008 sobre o assunto, o texto Editorial da edição número 03 publicado no ano 2004 e gravado pelo próprio autor Michel Dias ou Michel¹¹

Ficouuuuuu no documentário “Teresina Ô-Ku do Mundo Poesia Rebeldia Arte E...” em fevereiro de 2005. Percebemos imediatamente, que para acontecer esses movimentos alternativos, utilizavam os marcadores identitários geracionais e de contracultura sendo uma crítica a partir de recitais de poesia, e debates sobre a cultura política ou sobre a própria condição existencial humana.

A questão do trabalho torna-se marcador identitário fundamental para compreender essa pesquisa, como já fora proposto no projeto de pesquisa inicial, que destaca-se entre outras formas de marcadores identitários.

Além da categoria trabalho existem outros marcadores identitários que abordaremos nesse processo, também foi percebido em campo a categoria juventude vista enquanto marcador identitário nessa perspectiva o campo comunicacional em que esses marcadores identitário são lançados na e da estrutura a linguagem é a força motriz que lança esses conceitos de trabalho e juventude em suas dimensões simbólicas.

Uma vez que essa pesquisa se propõe a perceber os conflitos existentes nos movimentos sociais, e, ampliar esse olhar para entender como esses conflitos atuam dentro do movimento alternativo; enquanto segmento mais apurado do foco onde orbitam os conceitos

¹⁰ Vídeo etnográfico gravado em fevereiro de 2005 que mostra o cotidiano do movimento POEZINE.

¹¹ Michel Dias então estudante do curso de graduação em história da UFPI, membro do movimento POEZINE que escreveu o poema “Editorial” publicado na terceira edição do fanzine, ficou conhecido como Michel Ficouuuuuu enquanto um trocadilho ao nome do famoso historiador Michel Foucault

de: movimento social, e movimento alternativo, para buscar um entendimento mais profundo sobre os conflitos gerados nos rituais de uso das drogas psicodélicas constituídos e constituintes desses arranjos enquanto manifestações da estrutura em suas formas conflitantes uma vez sendo capaz de ser estruturada para ser capaz de transcender em sua forma estruturante, ou seja, matriz, matéria e materializadora de manifestações simbólicas arquetípicas tradicionais do simbolismo hegemônico, ou por meio da subversão da mensagem contida e a ser transmitida pelo discurso.

Não são os marcadores identitários que geram ou impedem os conflitos entre usuários e não usuários de drogas nos movimentos alternativos, mas o jogo onde está contido a linguagem hegemônica transmitida pela mensagem no discurso proibicionista lançado dentro campo comunicacional, a ser decodificado entre os polos dialéticos, em que de um lado está o emissor do discurso no qual esta pré-estabelecida a mensagem através dos símbolos a serem lançados no processo referencial, racional, e lógico dos sujeitos sociais contidos dentro dos diversos campos comunicacionais. Onde está do outro lado, o receptor que vai captar a mensagem enviada pelo emissor de acordo com suas referenciais de outras experiências sociais em que foram construídos seus marcadores identitários através das suas ações a serem conduzidas e reconduzidas pelos tipos ideais de sujeitos no conjunto sociedade, nas formas dos tipos específicos de lideranças ou enquanto sujeitos a serem liderados. De outra forma, não seríamos capazes de identificar e compreender os conflitos entre usuários e não usuários de drogas psicodélicas nos movimentos alternativos.

Diante dos argumentos expostos, visando a investigação da hipótese proposta de buscar responder quais marcadores identitários constituídos nos rituais de uso das drogas psicodélicas presentes nos movimentos alternativos geram os conflitos na relação com os diversos grupos sociais existentes na sociedade contemporânea das cidades de Teresina-PI e Rio de Janeiro- RJ, é preciso primeiro identificar a matriz dos conflitos entre os sujeitos observados em campo de pesquisa, e perceber quais os marcadores identitários são os principais focos de conflito.

Para que sejamos capazes de responder essa questão, vejamos os marcadores identitários a serem observados isoladamente nessa pesquisa que seriam dessa maneira as categorias trabalho, e juventude na perspectiva de uma sociedade contemporânea. De outra forma, essas duas e aparentemente distintas categorias jamais seriam percebidas para os efeitos de uma abordagem mais profunda sobre as condições matérias as quais trabalho,

juventude, essas duas categorias se relacionam com o conflito gerado na prática ritual de uso de drogas.

Diante de todo o exposto, percebemos que o estudo das políticas públicas se torna fundamental para compreender quem são os agentes e quais são os interesses por traz da política antidrogas no Brasil, e buscaremos realizar com a pesquisa uma breve análise sobre os efeitos dessa política pública na vida dos membros dos movimentos alternativos usuários de drogas psicodélicas das cidades de Teresina-PI e Rio de Janeiro –RJ, para compreender melhor qual o verdadeiro conflito por traz da proibição do uso de drogas no Brasil e na maioria dos estados nações em torno do globo terrestre constituindo uma condição estruturadamente estruturante para manter suas formas de dominação hegemônicas.

CAPÍTULO I - POEZINE E ANÁLISE DO TEXTO EDITORIAL

1.1 MOVIMENTO ALTERNATIVO NO PIAUÍ, DO MIMEÓGRAFO AO POEZINE

A geração mimeógrafo também deu o ar da graça no Estado do Piauí, representada por uma geração de jovens que buscavam resistir à repressão do período da ditadura militar pós 64 e pós 68, como afirma Bezerra (1993).

A questão do movimento alternativo do Piauí, desde o início, foi levada por características que envolvem da literatura marginal as questões geracionais unindo jovens cidadãos teresinenses e parnaibanos, até então moradores das cidades tidas como mais urbanizadas do estado mais pobre da nação brasileira, em um momento historicamente conturbado, propondo uma anti estética do discurso hegemônico e uma ideia de resistência aos aparelhos repressivos do sistema ditatorial militar como na coletânea “Tudo é melhor que Nada” onde figuram nomes como: escritor Cineas Santos, dramaturgo Tarciso Prado, quadrinista Arnaldo Albuquerque, cineasta Davi Aguiar entre outros.

Com a chegada da antiga Fundação Universidade Federal do Piauí em 1972, estruturada no campus da Ininga em Teresina e , logo depois em Parnaíba, no campus Reis Veloso, favoreceram o surgimento dos movimentos alternativos e uma atmosfera social de debates com nomes nacionais dentro dos campi onde a ideia poderia fluir com maior facilidade tornando-se um espaço legítimo de valorização simbólica da contracultura na sociedade piauiense, apesar de não ser o único espaço utilizado por esses movimento, exemplo da praça Pedro II e o Clube dos Diários.¹²

Assim como a geração mimeógrafo teve na antiga Fundação Universidade Federal do Piauí um lugar de produção e legitimação do discurso alternativo e contra hegemônico, em 2002 a então Universidade Federal do Piauí vai ser o cenário para o surgimento de um novo movimento de poesia marginal através de “vinhadas” e saraus que deram origem ao movimento Poezine. Movimento que culminou em diversos gêneros da linguagem alternativa como a literatura marginal que foi o primeiro a ser explorado através dos Fanzines intitulados “POEZINE”, o cinema com a produção do Documentário etnográfico “Teresina Ô- KU do mundo Poesia Rebeldia E Arte E...”, o teatro com os espetáculos “Morte e Vida Desgraçada

¹² O complexo Cultural Clube dos Diários é o nome dado ao lugar onde está localizada a praça Pedro II, o Teatro 4 de setembro, Sala Torquato Neto, galeria e espaço Osório Júnior onde a boemia e arte se encontram em Teresina-PI.

Uma Odisseia No Inferno” e Diálogo dos Bichos, a música com o surgimento de bandas como: “Roque Moreira”, “Rosa Atômica”, “Piolho de Cobra” entre outras.

O movimento POEZINE surgiu na Universidade Federal do Piauí no ano de 2002 com os recitais poéticos e as vinhadas no CCHL (Centro de Ciências Humanas e Letras) durou até meados de 2012 com a organização da “1ª Mostra de Cinema Alternativo de Teresina” com o tema “O papel do cinema na formação de uma identidade geracional teresinense”, ressurgindo em 2021 com a “Mostra de Cultura Alternativa”, esse movimento é o nosso objeto de estudo em Teresina através da análise de algumas produções.

1.2 ANÁLISE DO TEXTO EDITORIAL

O texto editorial foi publicado pela primeira vez no POEZINE N°03 no ano de 2004 e busca descrever de uma maneira irônica as principais características e conflitos gerados pelo movimento enquanto alternativa, no contexto da comunidade acadêmica e dos interesses sociais e políticos que circulavam na UFPI e que refletiam na sociedade teresinense. Produzido por um então acadêmico do curso de Licenciatura plena em História, Michel Dias ou Michel Ficouuuuuuuuuu, estreando sua participação na publicação impressa logo com o editorial em forma de versos que misturam características dos movimentos de vanguarda e concretismo literário, e que mais tarde seria gravado no documentário etnográfico que descreve o movimento intitulado “Teresina Ô-Ku do Mundo Poesia Rebeldia Arte E...” .

EDITORIAL

Poezine, poesia marginal “q” não sai no Jornal.

Poezine, poesia sem nexos sem rima e condição.

Poezine, poesia crítica “q” os caretas não entendem.

Poesia pra viajar

Poezine, a reprodução é difícil de rolar.

Os caretas quando vão se tocar?

Que a poesia é irregular

No sexto e sétimo versos, o autor retoma a questão identitária no poema, nas formas de vanguarda dos movimentos de contracultura no Brasil, no instante que a maneira como é capaz de utilizar do recurso linguístico fica explicitado em formas dialéticas da gíria no exemplo da palavra “caretas”. Fazendo do sexto verso, em forma de pergunta, uma proposta de resposta ao sétimo versos descrevendo as formas irregulares e concretas da sua poesia.

Ainda sobre o último e não menos importante, é preciso perceber as formas como o autor adota e assina seu próprio nome em alusão ao grande pensador moderno Michel Foucault, sendo também uma crítica aos processos produtivos e aquilo que era produzido na UFPI como representação dos espaços acadêmicos da nossa sociedade. O poeta assume o nome de Michel Ficouuuuuuuu, e, ainda oferta uma estratégia própria de construção da poesia concreta ao repetir a letra “u”, oferecendo uma forma estética no fechamento do seu texto: concreto, subversivo e visceral¹³.

Na publicação impressa, é importante observar não apenas o texto editorial em si, mas o conjunto da obra produzida pelo movimento POEZINE, que nessa edição o texto foi impresso na capa ao lado do poema “Sopa de letrinhas” escritor por Marciano Punk, bem como o desenho de um rato punk segurando um objeto cortante e realizando um gesto obscuro com os dizeres no lugar da manchete: “Foda-se a mídia! Rokeiros do Mocambinho!”.

O desenho do rato punk feito pelo artista plástico que não estudava na UFPI, mas frequentava as vinhadas e saraus, Ronan Rocha, mais conhecido no movimento como Ronan dos Baseados R. B.F¹⁴ que virou um grande colaborador do movimento, inclusive ajudando no filme “Teresina Ô-Ku do Mundo Poesia Rebeldia Arte E...”.

O movimento POEZINE foi iniciado em 2002 na UFPI a princípio por um grupo de estudantes que escreviam poemas críticos e políticos, como o poema analisado acima, e tinham a necessidade de expor seus textos em recitais e debates que aconteciam por ocasião das vinhadas e recitais realizados no CCHL.

Desse primeiro impacto dos poetas com o público através de vinhadas e saraus que antecederam alguns acontecimentos políticos na universidade como: a ocupação da reitoria em 2002, e, o racha da direção do DCE gestão “Autonomia e Luta” no ano de 2004, surgiu a primeira edição impressa do fanzine “POEZINE” que reunia em uma comunicação alternativa

¹³ Formas de subversão na obra de Waly Salomão

¹⁴ Ronan dos Santos Rocha era um jovem negro, morador do bairro Mocambinho na periferia da cidade de Teresina- PI, onde nasceu e frequentou os movimentos alternativos da cidade com seus desenhos psicodélicos e subversivos, contribuindo significativamente para as capas e as produções do fanzine POEZINE e mais tarde no filme Teresina Ô-ku do Mundo Poesia Rebeldia Arte E...

todas as vertentes da contracultura presentes naquele espaço e tempo enquanto manifestação de um campo social.

O POEZINE impresso permaneceu até 2007 quando depois da publicação da Revista TrapyzoOoMBA, e, de uma série de perseguições dos seguranças daquela instituição a pedido do então reitor Luís Santos Júnior, resultou na prisão de alguns membros do movimento sobre a acusação de uso de maconha na universidade resultando no fim da publicação dos fanzines, quando eu, Raphael Gerardo, um jovem negro e homossexual de 23 anos de idade, morador do bairro Mocambinho na periferia da cidade de Teresina-PI, então estudante do curso de ciências sociais, passei a me dedicar somente a produção de vídeos experimentais e espetáculos teatrais, embora alguns membros como Marciano Punk¹⁵ e Jeferson Gualter¹⁶ ainda continuaram a organizar eventos literários de contracultura na UFPI como “O Grito” até 2009, ano em que a maioria dos integrantes do movimento conquistaram seus diplomas e saíram da universidade regressando anos mais tarde para cursar mestrado ou mesmo outras graduações.

¹⁵ Marciano Vieira de Andrade ou Marciano Punck era estudante do curso de História na UFPI, membro do C.A. de História e do movimento POEZINE.

¹⁶ Jeferson Gualter estudante de Jornalismo da UFPI, músico da banda Atharaxia e membro do movimento POEZINE.

CAPÍTULO II : OS RATOS DI VERSOS E OS MOVIMENTOS ALTERNATIVOS NO RIO DE JANEIRO

2.1 UM BREVE CONTEXTO DO MOVIMENTO ALTERNATIVO E MARGINAL NA DÉCADA DE 70

Para um conceito válido de mundo alternativo buscamos o aplicado por COMAROFF, J & COMAROFF

Em suas dimensões hegemônicas, qualquer cultura se apresentasse, de fato, como relativamente coerente, sistêmica, consensual e imbuída de autoridade (...) Mas há sempre forças compensatórias atuando em paralelo: dialetos divergentes, estilos incongruentes, moralidades e visões de mundo alternativas. (COMAROFF 2010,p.37)

O termo alternativo é referente à busca por novas formas de organização social, novos arranjos culturais e sociais capazes de alterar a estrutura inconsciente coletiva, que segundo Jung(1964) é a camada mais profunda da nossa mente onde habitam os primeiros tipos simbólicos, em sua práxis , alterando o campo social, que segundo Bordieu (2003) espaço onde os agentes disputam simbolicamente interesses conflitantes e onde a regras do jogo estão préestabelecidas e onde a hegemonia é dominante, não apenas nos meios de produção. Não é uma simples ideologia de setores ou grupos sociais divergentes da estrutura pré-estabelecida, parte de uma consciência crítica e reflexiva sobre as formas dominantes e de dominação que em sua práxis é construída na ação social do sujeito individual ou coletivamente através dos movimentos sociais ou individuais, este último por ser notoriamente divergente e altamente conflitante com a hegemonia, são logo desqualificados e "confundidos" com algum transtorno, porém, quando essa ação ganha força por meio da experiência na vida social e outros sujeitos contestam mutuamente a estrutura hegemônica, logo os movimentos sociais ganham corpo construindo suas diversas ideologias divergentes capazes de alterar a estrutura.

Diante dessa nova proposta epistemológica defendida por Comaroff, J & Comaroff, J. (2010), buscamos perceber como iniciou o novo modelo político cultural e de crítica comportamental a sociedade moderna, em uma breve análise por meio de revisão bibliográfica, obtemos ênfase direcionada a transformações sociais que tinham as juventudes enquanto vanguarda após o ano de 1968, que se torna marcante no Brasil pela censura que

corresponde aos aparelhos repressores do estado durante o regime da ditadura militar que ao final dos anos de 1970 é marcado pela revogação do AI-5(ato Institucional) tornando-se um período renovado na política, na cultural e na sociedade brasileira, visível inclusive a novos partidos como o afirma Pereira (1970).

Ao final dos anos 60, Tom Zé, Caetano Veloso, Waly Salomão, Torquato Neto e tantos outros nomes tiveram destaque no movimento conhecido como tropicalista, mostrando o quanto o Brasil daquela época era o modelo moderno de conservadorismo que perdurava até o início dos anos 70 demonstrando essa exaustão:

Carlos Alberto mostrou em seu livro Retrato de época: poesia marginal anos 70, que obtendo transmutação, ou seja, idealizando com inovação, vemos que o encontra-se é o futuro vedado e que aquilo era uma produção que em um primeiro momento aparecia fora do circuito das editoras e do mercado literário, além de estar completamente fora da grade de imprensa, das livrarias e da universidade (PEREIRA, 1970 p.76).

Ao percebemos, de uma maneira geral, a construção contra cultural que vem ao longo dos anos 70 com sua trajetória iniciada no final de 1968, traz a poesia sempre sendo marginal, como negatividade em termos de mercado, onde o marginal viravolta teria se ausentado, sendo modificado pela rebeldia juvenil em seus mais diversas marcadores identitários e manifestações geracionais, transcendendo as formas da linguagem pelos diversos discursos.

Vendo a poesia dos anos 70, como um todo, apresenta duas grandes vertentes: uma mais voltada para a valorização do cotidiano e outra acompanhando a experimentação das vanguardas”. Duas vertentes podem ser discernidas: de um lado, uma produção que enfatiza os temas do cotidiano e a linguagem coloquial (chegando às vezes ao palavrão mais desabusado), de outro, tendências experimentais, investigado a visualidade, na trilha aberta pelo concretismo e seus desdobramentos (PEREIRA 1970, p.94)

O crítico José Arrabal declara sobre a vasta produção teatral que ocorreu durante a década de 70, em seu ensaio sobre teatro brasileiro nos anos 70: “nunca, em toda história de nossa formação social, foram proibidos tantos textos dramáticos e tantos espetáculos de teatro” (ARRABAL, 1970 p. 105).

Em sua fala, é visível que a cultura daquela época tinha um bloqueio, tanto em filmes, jornais, livros e no teatro, o nome desse bloqueio era censura, posto que essa forma de repressão era bastante comum nas sociedades latinas das décadas de 60 e 70, desde a resistência da juventude norte americana de participar da Guerra do Vietnã até os movimentos

punks na Inglaterra, e, no Brasil refletida entre aqueles que insistentemente não aceitavam um governo

“democrático” militar em que de fato a ditadura política era aplicada.

Vejam as manifestações subversivas de grupos geracionais específicos da modernidade capitalista, ou mesmo, as próprias mudanças estruturais previstas outrora por Marx(1974) que foram aplicadas no Brasil enquanto Estado capitalista diretamente influenciado pela forma em que o capitalismo foi forçado a se metamorfosear pelos conflitos revolucionários inseridas ainda na Revolução Francesa , incentivando os Estados Unidos a reivindicar o direito de se tornar um Estado sistêmico e capitalista onde a metrópole não mais é capaz de influenciar as decisões da colônia, essa já uma vez livre econômica e politicamente. Dessa forma, os fatos ocorridos na Europa influenciaram diretamente a ação social nas colônias americanas não apenas nos Estados Unidos, mas, também em toda ou na maior parte da América latina que sempre fora necessariamente colônia de algum Estado geograficamente situado no espaço terrestre do continente europeu.

Antes de qualquer forma de pensamento sociologicamente complexo, é preciso pensar sobre as formas entre as quais a estrutura se mantém hegemonicamente estruturada para compreender quando, como e onde esse processo desemboca em sua condição estruturante. Primeiramente, devemos ter a necessidade de compreender os conceitos propostos pela corrente estruturalista das ciências sociais. Diante disso, torna-se visível na academia esse profundo conflito paradigmático e temporalmente paradoxal sobre a origem semântica do conceito e da palavra estrutura, distinguindo dentro e diante dessa forma de pensar o conceito de sociedade e a força dos fatos sociais que legitimam as instituições onde a moral em suas formas de discursos modelam ação social a ser executada pelos sujeitos enquanto elementos da estrutura e do conjunto sociedade.

O capitalismo não nos escraviza simplesmente por sua forma enquanto estrutura de se tornar algo estruturante, mas, antes disso pela capacidade em que os sujeitos sociais, ao exercerem o seus papéis na ordem institucional em que a linguagem transcende os conceitos semânticos para as mais diversas formas literais, são lançados nesse ponto em que a prática social enquanto paradoxo do eterno retorno do fazer socialmente as coisas, mostra-se como uma simples repetição de um discurso, que não é construído pelo sujeito, mas por indivíduos capacitados e comprometidos enquanto produtores da ciência moderna em suas faces do conhecimento humano, tendem a serem mantidos pela e para as formas de coesão social e harmonia das “coisas” que fazem essencialmente a estrutura para que o ciclo de sua condição

estruturada seja transcendida nas mais diversas formas estruturantes ou como o conceito de mundo alternativo sugere, nesse caso, algo des-estruturante como havia sugerido Bourdieu na obra “O Poder Simbólico” publicado no contexto de uma sociedade dos anos 70 aqui no Brasil.

A ideia que acentua a ambivalência, muitas vezes trágica, entre interdição e transgressão nos anos 70, sua significação hoje importa destacar o confronto contra a arte e sociedade de espetáculo. Como menciona Waly Salomão, a direcionar as leituras da posteridade “penso muito naquilo que Cioran escreveu sobre Kleist e Torquato tem muito disso, depois de morto se lê tudo como prefiguração do ato da morte, mas é estranhíssimo se a gente quiser que seja interessante” (SALOMÃO, 1970 p. 81).

2.2 SARAU RATOS DI VERSOS

O Sarau Ratos Di Versos é um movimento coletivo de poetas, escritores profissionais e amadores que surgiu em 2006 no Beco dos Ratos, entre a Lapa e Santa Teresa, na cidade do Rio de Janeiro-RJ, acontecendo presencialmente todas as quintas-feiras desde 2006 com exceção do período de pandemia, entre março de 2020 e janeiro de 2023, quando os encontros aconteceram de maneira remota através de alguma plataforma digital. O movimento Ratos Di Versos é um dos principais pontos de contracultura e subversão do circuito cultural que acontece todos os dias em vários locais da Lapa e Santa Teresa¹⁷.

Com a pandemia da COVID-19 e o aumento dos fluxos de informações nos campos comunicacionais providos pelos ciberespaços, um dos aspectos percebidos por Augé(2003) na sua obra “**Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade.**”, é a ideia da supermodernidade no circuito de saraus que passou a ser fortalecida pelos encontros remotos possibilitando a interação entres os membros que já haviam participado antes da pandemia e estavam espalhados por várias cidades do mundo como: Paris, Tóquio, Toronto, Chicago, Feira de Santana- BA, Exú-BA, Santa Cruz-BA, Florianópolis-SC, São Paulo- SP, Teresina-PI em uma sala virtual interagindo e produzindo conhecimento, arte, discursos, e marcadores identitários.

¹⁷ Santa Teresa e a Lapa são os bairros boêmios da cidade do Rio de Janeiro, frequentados por artistas de vários formatos da arte na região do centro da cidade.

O impacto da pandemia sobre o circuito dos movimentos alternativos, mais especificamente o Ratos Di Versos, é o nosso objeto de estudo na cidade do Rio de Janeiro-RJ, sendo muito positivo para o movimento alternativo por conta da interação dos diversos trabalhadores das artes alternativas e principalmente os “poetas” que antes estavam separados pela distância, mas que a tecnologia os uniu.

Em maio de 2021, foi comemorado os 15 anos do Sarau Ratos Di Versos, evento gravado na plataforma digital ZOOM onde os poetas e artistas alternativos de várias cidades do Brasil e do mundo se reuniram remotamente, confraternizando com muita poesia, música e histórias que aconteceram durante os 15 anos de existência do sarau.

A vacina, que passou a ser uma das bandeiras de luta associadas a movimentos de esquerda, foi adotada como principal foco dos debates que ocorriam nas salas onde os saraus eram gravados e reproduzidos ao vivo pelo Facebook. A condição social do povo brasileiro e a má gestão do governo também eram temas muito frequentes.

Ainda nesta dinâmica virtual em que aconteciam os saraus, entre a declamação de um poema e um momento de silêncio, a frase “Gira a rodinha” marca o final de cada fala, sinalizando que outro interlocutor pode realizar seu discurso.

CÁPITULO III. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

3.1 TEORIA E METODOLOGIA

Enquanto cientista social percebo a perspectiva de um debate acerca das questões de formação do conhecimento metodológico científico moderno partindo de Bruyne & Schoutheete (1977), para podermos encontrar o lugar das ciências sociais e mais especificamente o ofício do sociólogo proposto por Bourdieu (2004), para além da importância do tripé racionalmente lógico que sedimentou a tríade do pensamento sociológico expresso nas obras clássicas de: Durkheim, Weber e Karl Marx, entre outros nomes como: Strauss, Marcel Mauss que fazem a base moderna da nova ciência humana racionalmente fortalecida na academia refletindo e levantando seus problemas de pesquisa alimentados pela subjetividade humana. Contudo, Habermas (2009) e a lógica das ciências sociais, contribuíram para continuar o debate em torno do método próprio das ciências sociais através do diálogo entre os clássicos, Durkheim, Marx e Weber, enquadrando esses conhecimentos enquanto ciências humanas, dotada de epistemologia própria capaz de sustentar o próprio paradigma.

Vivemos contemporaneamente uma sociedade que ciclicamente remodela os arranjos das estruturas consolidadas no campo comunicacional, onde atua a linguagem, por isso é preciso acompanhar as mudanças em suas lógicas comportamentais que refletem na e das transformações da consciência coletiva em que nasce a cultura enquanto manifestação das práticas rituais coletivas, e, a moral sob a face dos discursos de validação das práticas sob formas de práxis estruturais no senso comum a ser decifrado pela epistemologia, modelo e modeladora da lógica científica.

As ciências sociais são as formas organizadamente epistemológicas de expandir a lupa que mira seu foco no desafio de explicar o mundo social em suas formas complexas e capazes de criar laços para muito além de uma unidade coletiva de comportamentos padrões, a serem cotidianamente replicados pelas práticas sociais enquanto resultado da equação expressa pelo simbolismo produzido nos grupos sociais e seus elementos que a sociologia chama de indivíduo social. Em suas identidades individuais e práticas ritualísticas coletivas os indivíduos contidos nos grupos sociais atuam enquanto subconjuntos do coletivo maior que é o conjunto sociedade.

É fundamental em uma condição materialmente líquida dos atuais arranjos sociais, diante da dureza institucional onde a linguagem no campo comunicacional sedimenta as

formas de solidariedade ciclicamente mantidas e mantenedoras da estrutura hegemônica, que o sociólogo contemporâneo transcenda os discursos clássicos da epistemologia acadêmica, colonial, e, capitalista supermoderna ou como querem afirmar atualmente sociedade líquida.

No entanto, algumas ações têm sido executadas no sentido da flexibilização do consumo de certas substâncias, como a maconha. Seu uso deixou de ser crime, passando a ser uma contravenção penal. Já existem no Congresso Nacional projetos de lei como os Projetos de Lei – PL 7270/2014, PL 7187/2014, respectivamente, dos Deputados Federais Jean Wyllys e Érico Júnior, que tratam da legalização e do uso da Cannabis. Projetos de lei como estes, constituem-se em fonte para diversas abordagens de pesquisa, inclusive a sociológica, como ciência humana capaz de analisar o *modus operandi* da sociedade e da cultura humana.

A droga é um fato social comum e geral a todas as sociedades. Ela exerce um poder coercitivo, seja por meio de rituais regulados pela cosmologia, ou através da proibição regulada por força da lei. Ainda hoje, a droga representa um tabu com forte significação em torno de seus rituais.

As pré-noções alimentadas pela ideologia hegemônica por meio da mídia, ou mesmo de outras formas capazes de regular a ação social dos indivíduos, contribuem para modelar os tipos ideais de marcadores identitários formadores das várias gerações e grupos sociais com interesses divergentes e conflitantes na sociedade.

Estas pré-noções se constituem em parte do universo de investigação para uma abordagem sociológica, dentro de seu paradigma de ciência reflexiva e analítica das estruturas socioculturais e dos campos sociais de atuação dos rituais e tabus. São, portanto, fontes de material de estudo para o sociólogo, que busca, através de novas perspectivas acerca desses rituais, uma forma de ver o usuário de drogas sem o olhar etnocêntrico criado pela solidariedade orgânica e pelo capitalismo globalizado em suas políticas antidrogas. Nesse sentido, é preciso melhorar a compreensão sobre a droga e os conflitos relacionados com esse tabu na sociedade contemporânea.

Os marcadores identitários são os conjuntos de símbolos responsáveis por uma materialização da subjetividade na estrutura social constituída da cultura, enquanto formas de subjetividade humana e tipo ideal de ação social dos sujeitos modernos. Para uma abordagem mais clara sobre a constituição de símbolos ou ícones enquanto forma representativa ou categórica da pluralidade dos discursos acadêmicos, a pesquisa será pauta-se na relação de lugares e não-lugares descrita por Augé (2004) em que o lugar é um gerador de símbolo cultural e o não-lugar é um local reprodutor de ícones universais.

Afunilando as reflexões subsidiadas pelo referencial teórico adotado para esta pesquisa, revela-se a necessidade de refletir sobre os mecanismos principais de socialização, que segundo Rocher (1979), são dois: aprendizagem e interiorização de outrem. Estes mecanismos estão imbricados na interiorização do sujeito com os grupos sociais refletindo na sua identidade, na personalidade, na linguagem, incluindo o modo de falar, agir, pensar e tomar atitudes sobre determinados conceitos. Conceitos estes que, muitas vezes, são considerados perigosos ou mesmo imorais e subversivos, e, portanto, alternativos enquanto novas formas de arranjos sociais.

De acordo com Leví-Strauss (1962) o domínio das ciências sociais é a reflexão acerca dos conflitos gerados pela diferença entre as formas de ser agir e pensar dos homens : “enquanto as maneiras de ser ou de agir de certos homens forem problemas para outros homens haverá lugar para reflexão sobre essas diferenças que de forma sempre renovada, continuarão a ser o domínio da antropologia”.

Embora essa reflexão seja muito relevante na “caixa de pandora” a qual as universidades se propõem a ser, dentro da epistemologia como modelo de construir a ciência social, ainda habitam muitos pré-conceitos e pré-noções da moral judaico-cristão capitalista. Pensando nisso, eu enquanto cientista social e sujeito atuante dentro dos movimentos sociais me lanço no desafio da pesquisa sobre o movimento social alternativo e o uso de drogas psicodélicas dentro desses movimentos sociais.

Segundo Maffessoli (1988), as tribos urbanas periféricas a exemplo dos homossexuais e usuários de drogas, forçam o indivíduo a posicionar-se frente aos conflitos da opção de uma vida marginal, e, no caso do usuário de drogas, a perda da cidadania no descumprimento das leis transforma esse sujeito em um bandido aos olhos da lei e dos agentes tradicionais que a fazem cumprir.

Maffesoli (1998) ao descrever os conceitos de juventude e geração não foi capaz de atentar-se para ligação entre os conceitos de juventude, geração e ação social anteriormente proposto por Weber(2000), assim sendo racionalizado, permanece uma lacuna epistemológica ligando tais conceitos fundamentais para compreender o comportamento dos jovens sendo capazes de metamorfosear-se ao longo dos tempos. Mantendo as formas líquidas das relações sociais na estrutura de uma sociedade supermoderna ou, simplesmente, quando as formas relacionais refletem condições comportamentais mais fluidas e líquidas sendo capazes de se transformar cada vez mais sobre as formas orgânicas de uma sociedade em suas práxis relacionais sempre mais fluidas e aceleradas.

A história de vida como metodologia proposta por Becker (2009) é uma ferramenta de pesquisa muito interessante para encontrar o lugar de fala desses sujeitos jovens trabalhadores a serem pesquisados, contextualizando sua subcultura e linguagem para melhor compreender seus marcadores identitários.

O ano de 2006 foi marcado por uma breve interrupção das publicações impressas do Poezine, tendo o movimento focado suas produções para construção de filmes curta metragem na categoria experimental mixando poesia com sons autorais e imagens do cotidiano social evocando uma nova linguagem com marcadores identitários.

A questão metodológica da captura de um conceito capaz de contemplar a complexidade simbólica e unificadora das palavras: marcadores identitários, no contexto de uma pesquisa acadêmica em sua fase de coleta de dados ou investigação de campo, é um enigma que surge antes mesmo da compreensão sugerida por Maffesoli (2007) e Mannheim (1993) do conceito de geração, posto que a identidade dos indivíduos é o que fortalece as relações de solidariedade social dos elementos em suas ações sociais que dão sentido aos papéis sociais exercidos por cada elemento determinado, e determinante de uma coesão social, em seu universo arquetipo e simbólico que sedimentam os grupos sociais enquanto subconjuntos contidos do conjunto ou coletivo sociedade.

A identidade é a raiz simbólica que oferece sentido à ação social dos sujeitos, ao executarem seus papéis sociais, de acordo com os grupos sociais em que se relacionam cotidianamente enquanto representações estruturais dos diversos campos sociais presentes no conjunto coletivo social, ou sendo mais preciso na compreensão do conceito de sociedade, a ser percebida de agora em diante enquanto o maior de todos os campos sociais onde a disputa pelo poder simbólico é cíclica e paradoxal se manifestando na estrutura, estruturada, estruturante em suas facetas de manifestação dos papéis dos indivíduos sociais. Mantendo funcionalmente a ordem e o progresso universal das forças, em que os meios de produção transfigura o trabalho em sua condição dialética de libertação e prisão humana da mercadoria que se tornou a força vital de trabalho.

Nas estruturas hegemônicas que tornam a linguagem múltiplas formas de reprogramar a ideologia regente dos discursos que devem ocupar as ações dos elementos presentes no tabuleiro do jogo, em que parte da mensagem lançada no campo comunicacional onde o sentido da ação social é legitimada paradoxalmente libertando e prendendo os jogadores estruturantes da ordem e progresso social, no instante que esse conjunto sociedade se

transfigura numa ideia que fará sentido a palavra povo que legitima a ordem e progresso de um estado nação.

Partindo de uma análise prévia da lógica que oferece sentido a formação dos conceitos na estrutura da linguagem de Saussure (1995), para então aprofundar o sentido das palavras marcadores identitários, unificadas em um mesmo discurso transmitido no campo comunicacional da linguagem, a ser lançada na mensagem em suas mais diversas mídias enquanto instrumentos de ligação entre os discursos contidos na linguagem no instante que é lançada pelo emissor para que o receptor seja capaz de decodificar o discurso contida na mensagem. Para tanto, esse prisma ainda não sido observado nas pesquisas sobre geração e marcadores identitários desde Mannheim (1993) e Maffesoli (2007) até as produções recentes dos diversos núcleos de pesquisa da academia que se propõe a compreender essas relações.

Vejamos que o conceito de marcadores identitários inevitavelmente dão sentido ao conceito de geração, isso é uma condição paradoxal e cíclica da estrutura hegemônica manifesta na estrutura da linguagem pela via do discurso que contém a mensagem codificada e lançada pelo emissor no campo comunicacional a ser recebida pelo receptor e decodificada de acordo com as condições estruturais que infinitamente recebem o discurso. O que não significa que o simples fato de conseguir capturar o discurso e com essa ação social seja o sujeito social receptor capaz de absorver a total ou principal parte da mensagem contida no discurso expressado midiaticamente nas ferramentas do campo social que essencialmente disputa as condições de formação do jogo, como sugere Bourdieu(1989), que transfigura a estrutura para sua condição estruturante sendo mantida sua condição radical estruturada na manutenção da ordem e progresso da exploração relacional do trabalho humano que mantém a estrutura uma vez já estruturada.As principais ferramentas para análise e avaliação das políticas públicas foram debatidas na disciplina, oferecendo suporte teórico básico para uma melhor compreensão sobre os conflitos surgidos no cerne dos movimentos sociais entre a juventude e o estado no que tange às políticas públicas de combate ao uso de drogas no Brasil, onde todos os dias milhares de jovens perdem suas vidas ou são encarcerados devido ao envolvimento com tráfico de drogas. Como sugere Garcia (2020) sobre a questão das demandas a serem inclusas na agenda como um conjunto problemas a serem solucionados pelas políticas públicas, diante de uma breve reflexão podemos perceber como essa agenda tem sido alterada ao longo do tempo e a forma como os movimentos sociais e alternativos influenciam a alteração tanto da agenda quanto das políticas públicas para a juventude e combate ao uso de drogas. O papel do estado em Carvalho (2002) e de outros atores como

Organizações Não Governamentais, na formação das políticas tem sido fundamental para análise e avaliação das políticas públicas de juventude e combate ao uso de drogas. Pois, podemos perceber o encarceramento em massa de jovens, negros de periferia em sua maioria das vezes, geralmente pelo porte de uma pequena quantidade de drogas e várias dessas instituições ONG'S trabalham justamente com o público que na sua maioria das vezes não é contemplado na agenda governamental.

A práxis de Marx (2010) na relação como papel e ação social de abordagem do agente policial como um burocrata de nível de rua, pode variar de acordo com o local e a situação econômica em que o jovem se encontra. Já que é o policial enquanto burocrata de nível de rua que define quem deve ser preso e processado e quem deve ser tratado como usuário e dependente químico na execução da política pública de combate ao uso de drogas no Brasil. É importante ressaltar que desde os anos de 1960 a juventude enquanto categoria da linguagem transcendeu para a composição coletiva de movimento social e alternativo, levantando diversas bandeiras de lutas e entre elas o discurso antiproibicionista pela legalização do uso de drogas em oposição a estrutura hegemônica vigente, ação social inicialmente proposta pelo movimento hippie.

No Brasil, desde o final do século passado, vários movimentos têm se organizado em torno da luta pela legalização da maconha para usos medicinal e recreativo, esses movimentos têm conquistado cada vez mais espaço na mídia influenciando na formação de uma nova agenda para as políticas públicas de saúde e enfrentamento ao uso de drogas. A medida que pessoas conquistam judicialmente o direito do uso medicinal da cannabis, abre-se um espaço para se pensar a regulamentação do uso dessa planta para outros fins, como recreativos e até mesmo econômicos, sendo possível a fabricação de diversos objetos a partir da fibra da cannabis como: roupas automáveis, calçados, casas e até mesmo folhas de papel abrindo a possibilidade de uma nova indústria para o desenvolvimento sustentável das nações que uma vez livres do tráfico também se livram de todo seu efeito nefasto para a sociedade.

Como afirma Arthur Schopenhauer (2007) em sua teoria que propõe a possibilidade em que toda realidade inclusive a social é dissoluta, bem como o conceito de estrutura que nesse prisma é capaz de ser dissolvido impossibilitando a proposta de Bourdieu (1987) que entende a estrutura só é capaz de existir para exercer sua condição ou forma estruturada, para que tenha a chance de se transformar na sua forma ou condição estruturada. Assim sendo, como a linguagem em seus discursos hegemônicos orbitando nos campos comunicacionais tradicionalmente perpetua a estrutura hegemônica mantendo o conflito social? Conflito este

que está posicionada entre os indivíduos que são expostos ao processo de transcendência da estrutura para ser capaz de se tornar estruturada, pela via da linguagem lançada nos seus diversos discursos.

Vejamos Hegel em sua dialética, essencialmente propositora da ambivalência entre os polos do campo comunicacional pondo de um lado emissor e do outro receptor da mensagem contida no discurso a ser codificado e decodificado no campo comunicacional pela expressão da mensagem que contém e está contida no discurso onde orbita a linguagem.

3.2 TRABALHO PRODUTIVO E A LÓGICA RACIONAL DA COESÃO DO TRABALHO

Marx (1985) ao tentar demonstrar subjetivamente o trabalho como processo de transformação do universo realizado pelo ser humano de acordo com seus interesses e necessidades “racionais”, posto que, nessa perspectiva marxiana toda transformação universal ocorre de maneira racional, onde a sociedade capitalista reconhece esse processo de acordo com a sua produtividade, e, dessa forma o trabalho humano é visto a partir de duas formas como trabalho produtivo e trabalho improdutivo.

Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos, que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato. (MARX, 1985, p.47).

Diante desta inclinação racional acerca da teoria marxista desenvolvida por Bourdieu (1989), epistemologicamente, poderíamos propor alguns pontos congruentes a serem abordados em relação à teoria de Bakhtin (1979) no processo, ou melhor, na fase do processo de construção identitária na qual está inserida a interação verbal enquanto parte da interação social, e, por assim dizer, da própria sedimentação da estrutura cultural em que primeiro encontramos a categoria trabalho.

Não é que a estrutura cultural seja algo estático ou paralisado como propunha Curado (2011) sobre a teoria de Saussure (2006). Mas, esta estrutura que, segundo Bourdieu (1989), é estruturada e estruturante, é algo laboralmente infinito a ser construído diante do processo materializador de uma ideia subjetiva e coletivizada da “coisa” que se torna o trabalho na cultura e em sua *práxis* estrutural – diretamente responsável pela condução da moral na forma de conjunto das regras de comportamento padrão coletivo. Desse modo, a categoria trabalho exerce uma força coercitiva sobre a ação social do sujeito em sociedade.

A transgressão das leis do estado “moderno” se transformou em subproduto da mídia, que é um produto super moderno, pois a lógica das relações fabris e as práticas comerciais já ultrapassaram o Fordismo ou Taylorismo onde os operários eram vigiados por capatazes. Estamos atravessando um ponto pós Toyotismo em um momento pandêmico onde em todo o mundo globalizado (e globalizante devido a sua propriedade de aglutinar todos os países, inclusive aqueles que reivindicavam o status de socialistas, para o cerne de suas relações neoliberais), os jovens operários transformados em colabores observam a própria produção e são observados remotamente por programas de computadores enquanto cantam hinos de louvor a empresa.

A inexistência ou pouca eficácia de uma instituição ou de uma organização representativa da juventude e dos trabalhadores, ou mesmo da juventude trabalhadora, devido as ondas reformistas entre outros fatores, mascara a alienação das relações de trabalho, principalmente no caso dos países ditos em desenvolvimento como o Brasil que vem passando por sequências de ondas reformistas, e em pouco tempo do regime denominado “democrático” passou por governos de diferentes orientações políticas. Inclusos nesse período também estão dois processos de impeachment, nos quais a juventude, assim como em outros movimentos sociais, teve um papel central na mobilização das diversas camadas das classes sociais brasileiras saindo às ruas com suas caras pintadas e bandeiras das mais diversas cores.

Partindo do ponto histórico da abertura democrática e saída do regime militar, mais precisamente, partindo do ano de 1988 que foi redigida a atual constituição brasileira, até os dias atuais, quando vislumbramos uma CPI que provavelmente irá acarretar em uma nova mudança de governo, que fatalmente será pressionado pelo grande capital a continuar as reformas de modo a implementar o novo espírito do capitalismo em todo mundo globalizado.

Todos esses processos históricos locais na atual condição da supermodernidade estão obviamente relacionados com a globalização e o novo espírito do capitalismo, aliados na manutenção do poder hegemônico através de mudanças na superestrutura jurídica do estado via reformas que visam apenas aumentar o controle sobre as formas de dominação da juventude e sua força de trabalho.

Dessa aceleração nas relações sociais modificou-se substancialmente o mundo do trabalho. Ao invés de existirem cem operários trabalhando em série como no Fordismo, existe apenas um colaborador isolado na ilha de produção cercado de máquinas e câmeras que o observam durante todo o seu expediente, que antes era de 8 horas, e, atualmente no trabalho

remoto facilmente ultrapassa as 12 horas, mas, produzindo uma mais valia muito superior aos turnos presenciais de 12 ou mais horas do início da modernidade e das fábricas.

3.3 PANDEMIA, JUVENTUDE E TRABALHO

Com o advento da pandemia da COVID-19, que acometeu milhões de pessoas em todo o mundo justamente pela facilidade e agilidade das relações globalizadas, em grande parte da categoria trabalho, que já caminhava para o *home office*, as transformações ocorreram drasticamente com o jovem colaborador sem sair de casa, onde antes era seu lazer na frente da TV, de um computador ou smartphone, que são os novos instrumentos "modernos" responsáveis pela dinâmica nas relações e super abundâncias, agora cada vez mais transformados em novas ferramentas de trabalho e acesso à informação pelo trabalho remoto, para cumprir as metas que são lançadas pelo projeto no qual o colaborador está vinculado ao projeto da empresa.

É importante compreender que as mudanças não ocorreram apenas em relação às taxas de lucro médio no mercado, ou no campo do direito por meio das reformas nas legislações trabalhistas, mas, também nas relações sociais da juventude e na dinâmica do trabalho remoto, além de notarmos essas mudanças nas relações culturais do mundo, atualmente a exemplo da pandemia, outrora, pela queda do socialismo e o advento da social democracia.

Em países como Finlândia e Inglaterra onde as taxas de suicídio são demasiadamente elevadas¹⁸ mesmo com todos os benefícios sociais conquistados na luta contra o governo de fato neoliberal, mas, que cede às exigências dos trabalhadores, pois estes conseguem organizar os sindicatos e controlar um dos principais instrumentos que vão gerar a mais valia, e por consequência o lucro. Esse instrumento é a força de trabalho, que através do movimento social organizado minimiza os impactos da sua exploração pelo novo espírito do capitalismo.

Observamos que é muito mais vantajoso investir em cursos de capacitação de funcionários que os demitir nesses países, ao contrário do Brasil que tem um nível de organização sindical como a CUT e a Força Sindical que fazem festas no 1º de maio, enquanto o país passa por crises com a reforma da previdência e a reforma trabalhista que já aumentam o exército de reserva do capitalismo brasileiro.

¹⁸ Algumas pesquisas que tratam desta temática são as de Matti (1998) e Middleton et al. (2003).

Perguntemos quais os impactos das ditas reformas neoliberais nas estruturas trabalhistas? E como ficarão estas novas relações de trabalho para a juventude?

Segundo os autores, Boltanski e Chiapello (2009) o tema do trabalho no novo espírito do capitalismo é visto com a preocupação da degradação social de uma grande parcela da sociedade, e, no sentido contrário vê-se a expansão do capitalismo através das reformas trabalhistas no campo do direito, e, nas práxis do colaborador como uma extensão do projeto da empresa.

Especialmente a concepção de que a busca do interesse individual serve ao interesse geral foi objeto de um enorme trabalho, incessantemente retomado e aprofundado ao longo de toda a história da economia clássica. Essa dissociação entre moral e economia e a incorporação à economia (no bojo desse processo) de uma moral consequencialista", baseada no cálculo das utilidades, propiciaram caução moral às atividades econômicas pelo único fato de serem lucrativas. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 44).

O espírito capitalista com seu discurso ideológico justifica o sacrifício e engajamento empreendedor do jovem colaborador diante do novo projeto capitalista que se tornou a empresa supermoderna, recompensando simbolicamente com benefícios individuais, bônus por produção entre outras políticas adotadas pelas novas empresas.

Vemos, então, o segundo espírito do capitalismo¹⁹, que se dará entre os anos 30 e 60 do século XX e que tem como base as organizações empresariais centralizando na burocracia, aumentando mais os números de sociedades com acionistas anônimos e afastando as empresas do nome das famílias fundadoras.

Observa-se que, nesta segunda fase do espírito, os diretores são alçados a iluminados, sempre trazendo lucros aos seus acionistas e no engrandecimento da empresa sempre na perspectiva de aumento de produção em massa com custos mínimos, produção eficiente e racionalização do tempo de trabalho com aperfeiçoamento das propagandas e do marketing. Isto, sempre à caça de jovens talentos que possuam graduações e com espírito de crescimento na empresa para “vestir a camisa” e alcançar novos postos de poderes, entretanto começando como supervisores e “valorizando” as devidas qualificações.

Assim, estes jovens, que vestem a camisa do projeto e tentam estas carreiras veem as oportunidades de serem inseridos rapidamente no mundo trabalho e no consumo, tirando sua concepção de organização enquanto classe trabalhadora e sua consciência política dentro do

¹⁹ O primeiro espírito do capitalismo foi abordado quando tratamos da racionalização do trabalho e *ethos* do capitalismo em Weber (2009).

chão da fábrica. Estes serão os colaboradores e futuros dirigentes da nova era que estará por vir.

O terceiro espírito, ainda em formação, tem a essência dos anteriores, mas com apêndice “globalizado” e que põe em prática novas tecnologias. Estas, trazem consigo os desempregos estruturais e conjunturais. Nessa situação, vemos claramente que as novas formas de trabalho e relações mudaram de tal maneira que estes jovens trabalhadores não se enxergam como tal, mas, como colaboradores e microempreendedores, que, através de uma simples banca de mercadorias, veem-se como grandes empresários.

Observamos que estas novas tendências já estão presentes no mundo do trabalho, por meio da: concorrência e da busca do jovem profissional mais qualificado, seja onde for; não garantia do trabalho de uma vida, ou seja, este trabalhador vai passar por vários empregos não tendo garantias se e quando irá conseguir sua aposentadoria; maior grau de instrução, haja vista que as empresas sempre estão em busca de novos talentos e que os mesmos façam sempre reciclagem.

Atualmente, vemos como a juventude enfrenta uma nova construção na categoria trabalho tendo a globalização como apêndice da precarização e das novas formas de trabalho supermoderno, a exemplo do que parece ser uma nova profissão que é a de *influencer* digital nas redes sociais. Esse universo tem despertado o interesse e atinge diretamente a economia dos países, criando um mundo à parte para atender as novas necessidades dos jovens no capitalismo supermoderno, que agora prega novas tendências e novas profissões.

As sucessivas mudanças nas leis trabalhistas do estado “moderno” por meio do discurso reformista, baseado na ideia central de projeto do novo espírito do capitalismo, transformam a lógica das relações fabris e as práticas comerciais de negociação da força de trabalho através de um contrato que antes tinha a proteção de uma legislação e agora passa a não mais existir, uma vez que, nessa lógica, o trabalhador foi transformado em colaborador que é remunerado pela sua produção e capacidade de alcançar metas no cenário posto pelo novo espírito do capitalismo.

O jovem trabalhador, que no modelo fabril do Fordismo ou mesmo no Taylorismo era vigiado por capatazes, agora no regime tele presencial ou remoto grava a sua própria rotina de trabalho, utilizando a tecnologia como ferramenta para registro efetivo da sua própria jornada de trabalho.

A vigilância no cumprimento do exercício laboral está sendo executada pelo próprio trabalhador, que ao ser visto como colaborador torna-se um elo na estrutura do projeto

estruturante da empresa, que, uma vez exercendo esse capital cultural disseminado através do discurso na interação verbal cotidiana dos sujeitos do novo mundo capitalista do trabalho, passa a dominar a força de trabalho estruturada através da alienação do trabalhador ao transformá-lo em um colaborador, que é alienado simbolicamente ao “vestir a camisa” do projeto sem as garantias do contrato e de uma legislação trabalhista na figura do estado, não percebendo o colaborador a sua verdadeira condição, que é a troca de sua força de trabalho por uma remuneração mínima para garantir suas necessidades mais básicas.

A juventude, enquanto principal fatia produtiva do mercado de trabalho capitalista, é profundamente afetada pelas transformações com rápida implementação do novo espírito do capitalismo. Desse modo, a juventude alternativa enquanto movimento social contra hegemônico desde os anos de 1960 já buscava novas formas, novos arranjos para encontrar na arte como: música, artesanato, teatro, literatura vendida em Fanzines (Comunicação alternativa), um trabalho produtivo capaz de suprir suas necessidades básicas de maneira independente.

Como já havia sinalizado Malinowsky (1976), a pesquisa de campo é fundamental para a compreensão dos processos de desconstrução do olhar etnográfico, enquanto foco a ser fixado pelo cientista social em contato direto com os diversos sujeitos e ações sociais desses indivíduos a serem compreendidos ao longo na prática da pesquisa de campo.

Diante do exposto, vejamos as formas relacionais e os marcadores identitários “trabalho” e “juventude” em conflito com as formas estruturais que sedimentou as formas de forças hegemônicas por meio da linguagem em que a via é o discurso a ser reproduzido ou desconstruído no campo comunicacional pela via da mensagem transmitida entre emissor e receptor onde as formas de disputas simbólicas da estrutura são expostas simbolicamente na mensagem para ser transmitida enquanto força da estrutura, capaz de fortalecer ou desconstruir as formas estruturadas e cíclicas que tornam essa estrutura estruturada, para buscar as formas de forças estruturantes a serem modelos e modeladoras do sentido racional de ação dos sujeitos dentro e diante do campo comunicacional onde a linguagem reverbera através da força dos discursos, para manter ou desmantelar a estrutura da linguagem, de forma que essa como propunha Bourdieu(1989) seja ciclicamente exposta por duas vias dialéticas simbólicas do discurso por meio da mensagem a ser transmitida no campo comunicacional.

O que não significa que toda mensagem será simbolicamente reproduzida pela força hegemônica do discurso, mas como já mencionado pelos os irmãos COMAROF, J.; COMAROF (2010), sempre haverá outras formas de organização das formas de organização,

das instituições ou formas de coesão social diferentes e conflitantes com as forças hegemônicas, ou seja, uma alternativa.

O jogo pela busca do entendimento de uma realidade social coloca dentro de um mesmo campo várias linguagens: ciência, senso comum, ideologia e religião disputam através das instituições formadoras o poder simbólico, o principal instrumento de manutenção ou subversão da estrutura (do ponto de vista de uma alternativa a estrutura hegemônica) que é a própria linguagem.

Eventos como o aniversário de 15 anos do Sarau Ratos Di Versos, ocorridos na pandemia do COVID 19, mostram o trabalho artístico como uma alternativa em uma dimensão terapêutica para o isolamento social e outros males emocionais surgidos ou agravados durante o período pandêmico.

O uso de maconha, principal droga psicodélica do grupo, e outras substâncias ilícitas como cocaína e lóóló, também acontecia durante o evento. As etiquetas existentes no grupo podem ser percebidas por meio da descrição de situações vivenciadas na experiência do campo online. Na plataforma Zoom, sempre cada um em sua tela, havia alguns conflitos entre os não usuários que, vez por outra, levantavam questões do discurso antidrogas, enquanto a maioria dos poetas levava a temática no deboche, salvo em situações específicas, quando, na sala, surgiam crianças, filhos ou filhas dos poetas. Nesta ocasião, a linguagem era cuidadosamente exercida para não ser pronunciado nenhum palavrão. Nesse aspecto, podemos verificar os conflitos presentes no movimento alternativo entre usuários e não usuários de drogas previstos no projeto desta pesquisa.

Percebemos uma ligação entre a poesia e o trabalho alternativo enquanto marcador identitário, por meio do uso de expressões das linguagens nos diversos tipos ideais de trabalho alternativo, observando no artista alternativo um trabalhador que vai resistir às condições ou formas ideológicas das mais amplas e hegemônicas condições de trabalho na sociedade capitalista. Neste sentido, é inevitável não perceber o poeta enquanto um simples trabalhador, mas também enquanto um trabalhador das linguagens que oferecem sentido emocional, racional e lógico a escolha de sua profissão que se torna, além de sua fonte de renda, um marcador identitário.

Hegel (1992) em sua dialética, essencialmente propositora da ambivalência entre os pólos do campo comunicacional pondo de um lado emissor e do outro receptor da mensagem contida no discurso a ser codificado e decodificado no campo comunicacional pela expressão da mensagem que contém e está contida no discurso onde orbita a linguagem. Vejamos então

o poema “UNIVERSO” escrito e exibido na tela pelo poeta Lianto Segreto durante a live de 15 Anos do Sarau Ratos Di Versos:

“UNIVERSO
 UNIR AO VERSO
 UNIR COM VERSO
 O VERSO REVERSO
 DO VERSO
 VERSO
 V
 E
 R
 O VERSO
 Lianto Segreto Parati-RJ / 2021”

O texto acima não foi recitado, mas exibido às três horas, quarenta e três minutos e cinquenta segundos da live de 15 anos do Sarau Ratos Di Versos, enquanto o poeta Xandú dos Ratos da cidade do Rio de Janeiro - RJ recitava um outro poema de sua própria autoria, demonstrando o quanto os encontros em ambientes remotos possibilitou múltiplas formas de apresentação do trabalho artístico e como o próprio sarau modificou suas regras sociais de conduta para os artistas se apresentarem, pois quando o sarau era presencial a frase “Gira a rodinha” marcava o final de cada apresentação, enquanto que a modalidade remota possibilita as apresentações por meio de recursos multimodais.

Na primeira estrofe do poema, a palavra “UNIVERSO” oferece múltiplos sentidos e, assim como toda estrutura do texto, foi manuscrita em caixa alta para destacar a própria estrutura do texto em que as palavras também dão formas visuais ao poema, lembrando traços do concretismo e suas formas literárias.

A segunda estrofe “UNIR AO VERSO” sugere tanto a necessidade do poeta unir-se ao seu próprio verso, quanto o fortalecimento dos poetas enquanto movimento coletivo na criação do verso.

A terceira estrofe “UNIR COM VERSO” abre caminhos para uma sugestão revolucionária aos moldes do “**Manifesto do Partido Comunista**” de Marx e Engels (1999) chamando todos os poetas para se unirem com suas produções ao movimento.

A quarta estrofe “O VERSO REVERSO” dá um sentido a todas as sugestões anteriores e posteriores no poema, pois é nesse ponto que o autor chama a atenção para unificação de todos, não importando as diferenças.

Na quinta estrofe “DO VERSO” traz luz a uma questão existencial da própria condição do verso enquanto algo que existe de fato, para continuar essa reflexão na sexta estrofe

“VERSO” enquanto sua condição essencial de existência.

Na sétima à décima estrofe, o poema cria a forma de um ângulo de noventa graus, onde é formada a palavra “VERO” que tem sua origem na língua latina italiana e , traduzida, significa verdadeiro ou real, e a última letra “O” da palavra está na décima e última estrofe formando a frase “O VERSO” que assim como no paradoxo do eterno retorno de Nietzsche (2009) sugere que de alguma forma tudo volta a sua condição original.

Ainda no território carioca, o movimento alternativo é representado pelos mais diversos coletivos artísticos . Entre eles, o circense e teatral que são analisados nesta pesquisa, por meio de entrevista com a artista Mayna Neres, conhecida como “Brasinha”. Com uma vasta trajetória no mundo da arte, Mayna afirmou: “eu trabalho com circo, dança e com alegria. Isso deixa a gente sempre jovem e de bem com a vida, né?”. Nessa perspectiva o trabalho artístico enquanto forma alternativa de trabalho, aparece em sua dimensão terapêutica mesmo antes da pandemia COVID19, pois leva alegria tanto para quem se alimenta da arte subjetivamente no caso do expectador ao apreciar uma apresentação, quanto para o artista que tem a sua dignidade humana construída ao receber o seu cache e pagar suas contas com o fruto de seu trabalho.

Ao analisarmos a estrutura da linguagem para compreender como é construído o conceito da categoria trabalho ou a “coisa” que chamamos trabalho, percebemos que desde pequena a jovem criança vai à escola com o compromisso e a disciplina de honrar o seu trabalho conforme é tradicionalmente descrito por seus pais, repetindo um rito enquanto um tipo ideal de comportamento através da educação, construindo os sujeitos sociais que no futuro serão os novos colaboradores do projeto da empresa, na família enquanto primeira instituição social e na escola como instituição tradicional e moralizante da cultura.

Assim como houve a divisão social do trabalho no fenômeno do surgimento do capitalismo e da sociedade moderna, nas transformações da vida social, no feudalismo baixo e alto feudalismo dentro da mesma era, também podemos perceber uma divisão entre o moderno e o super moderno por conta das transformações socioculturais e econômicas na vida

do ser humano, como um animal social, cultural e político, através dos novos projetos reformistas do estado.

Passamos pelo campo do direito, para refletir sobre as profundas mudanças nas legislações trabalhistas, com o novo espírito do capitalismo pelas estruturas socioculturais do trabalho, ao impor ao jovem trabalhador a condição de colaborador de um projeto, no qual a empresa e estado tem se tornado, nesse novo espírito capitalista agora já na condição de super moderno.

Na nova realidade do mundo capitalista, não se pode dizer que atravessamos completamente a modernidade e nem que estamos numa nova era onde as relações modernas sumiram, mas que se transformaram para a manutenção do sistema e dos “tipos ideais” de sociedades diante do novo espírito do capitalismo, portanto a supermodernidade proposta por Augé (2005) não é ainda uma nova era, mas, um processo de transformação na era moderna.

Todas estas transformações drásticas ocorridas a nível mundial por conta da globalizada pandemia da COVID-19, forçou o sistema capitalista a se reinventar rapidamente para manter a dominação hegemônica da exploração da força de trabalho em sua grande maioria formada por jovens trabalhadores negros e periféricos oriundas das modernas e grandes cidades. No depoimento de Mayna Neres é possível verificar as reinvenções do sistema capitalista quando a artista declara “estou sempre circulando, procurando novas formas de ganhar dinheiro, para levar a minha profissão da maneira que eu gosto, da maneira que eu acho certo, não se vendendo ao sistema. Quando a gente escolhe o que quer, tem que fazer um pouco de tudo”.

Esta reinvenção do capitalismo, causada pela pandemia, acelerou o processo de instalação do novo espírito do capitalismo, através do trabalho remoto, ou *home office*. Para continuar a sua produção capitalista, o sistema, mesmo com um exército de trabalhadores morrendo infectados pelo vírus e vítimas do descaso de estados governados por orientações reformistas e fascistas, na ótica do novo espírito do capitalismo, o jovem trabalhador é coercitivamente transfigurado em um colaborador ou novo empreendedor, no caso dos colaboradores que perderam sua função e colocação no jogo do novo projeto da empresa, sendo obrigados a empreender para continuar dispendo da sua força de trabalho em um mercado capitalista globalizado e agora sem as garantias do direito e das legislações trabalhistas.

A questão da perda da função e do cargo do colaborador no novo projeto da empresa frente a crise no sistema capitalista provocada pela pandemia da COVID-19, faz com que

voltemos para a reflexão sobre a questão da produtividade e improdutividade da categoria trabalho.

Portanto, se o trabalho do colaborador não era mais produtivo para o projeto da empresa, esta força de trabalho torna-se produtiva para o novo projeto construído pelo antes colaborador e agora jovem empreendedor mesmo em uma pequena banca de mercadorias. Esse tipo de mudança nas relações do trabalho mascara a real condição do trabalhador de desempregado, sendo levado coercitivamente ao subemprego para manter o fluxo de sua força de trabalho no mercado do novo espírito do capitalismo face aos desafios da pandemia da COVID-19.

A relação entre juventude alternativa e os seus mais diversos trabalhos enquanto fonte de satisfação de suas necessidades básicas, constituem fonte rica para reflexão em um futuro trabalho, trazendo à luz a história de vida e o mosaico científico de Becker (1993), facilitando análise das políticas públicas de emprego e renda para juventude e a política de estado de combate ao tráfico de drogas, no qual milhares de jovens sem qualificação para ocuparem o cargo de colaborador face ao novo espírito do capitalismo, todos os dias devem se submeter em busca da sua sobrevivência.

Legitimando o que foi exposto no parágrafo anterior, podemos reproduzir a fala da artista Mayna não como exemplo real da arte enquanto trabalho alternativo, mas do artista enquanto trabalhador alternativo: “Hoje em dia também tem uns trabalhos alternativos (...) porque só da arte não se mantém. Não dá, não dá, né? As contas chegam, tem que fazer outras coisas”.

É importante lembrar que todo discurso é validado na ação social dos sujeitos e o trabalho enquanto processo de transformação do universo, visto na forma de marcadores identitários se conecta com a categoria juventude e outros marcadores por meio da linguagem transmitida nos discursos de cada tribo em seus rituais. Portanto, vejamos a via em que ocorre essa conexão que é o campo comunicacional em que acontece a transmissão da mensagem, processo pelo qual a linguagem é fortalecida ao longo dos diversos processos onde a ação social dos indivíduos enquanto elementos do conjunto sociedade simbolicamente fortalecem ou desconstruem os arquétipos enquanto primeiros símbolos que sedimentam o discursos das vias hegemônicas ou alternativas nas quais o discursos sedimentam ou desfazem a estrutura, que assim sendo epistemologicamente compreendida só deverá apresentar-se sob duas formas divergentes em disputa no campo comunicacional onde orbitam sob infinitas possibilidades em que se apresenta o discurso, que radicalmente só deverá apresentar em suas duas formas

dialéticas conflitantes, a serem lançadas e reconduzidas nas múltiplas vias da linguagem que orbita entre os dois pontos distintos da dialética na qual o discurso elementarmente flui dentro do campo comunicacional para iluminar a mensagem enquanto interação racional das ações lógicas racionalizantes, capazes de oferecer sentido ao comportamento padrão exposto sob o tipo ideal de ação dos sujeitos contidos na estrutura lógica e racional do discurso, enquanto mensagem capaz de oferecer sentido a comunicação, que é o processo transcendental das formas estruturais de entender linguagem, e não simplesmente a mensagem ou os símbolos a serem transmitidos ou mesmos disputados no campo comunicacional da estrutura, que já não é mais simplesmente da linguagem, mais, dos processos contidos em conflitos no campo comunicacional onde a mensagem é transmitida através dos discursos mantendo ou desconstruindo a estrutura hegemônica das relações de poder em sociedade.

A organização da força não significa a força da resistência, já que encontramos em lados dialéticos e distintos, mensagens distintas a serem transmitidas no campo comunicacional da linguagem pela via dos mais diversos discursos, inclusive o proibicionista. É justamente nesse ponto onde o símbolo Marc Augé(2003) e os mais diversos adereços simbólicos transmutam não mais o discurso, geralmente lançado com o objetivo de interpelar as formas que se apresentam a mensagem, para manutenção hegemônica da estrutura para que se torne estruturada e dessa maneira vir a ser estruturante Bourdieu (1970)

Vejamos então a seguinte ordem das formas de força simbólica que tradicionalmente inserem qualquer tipo ideal de racionalidade lógica dos discursos, posto que, não há um único discurso, mas processos dialéticos em que a mensagem é simbolicamente sedimentada pelos diversos tipos tradicionais da hegemonia do discurso e não simplesmente da hegemonia ou isoladamente do discurso do sujeito, mas da representação coletiva do universo simbólico que constitui a lógica deste comportamento padrão enquanto tipo ideal a ser posto e não contestado.

A questão da volatilidade geracional do conceito atual de juventude, gênero e geração é marcada na fala de Mayna Neres durante entrevista, quando ela afirma: “Eu sou Mayna Neres, conhecida como Brasinha, desde os 7 anos. Hoje em dia, tenho 40. Não parece, mas é minha idade.” Esta questão merece um olhar mais apurado do ponto de vista sociológico, mesmo os principais pensadores dos últimos tempos modernos ainda não foram capazes de resolver o problema da juventude enquanto categoria sociológica ao longo dos tempos e espaços sociais.

Desde meados dos anos 1960, a teoria das gerações foi posta de lado no pensamento sociológico por ser considerada conservadora e antiquada, sendo substituída pelas teorias neomarxistas que consideraram os jovens como uma “nova classe” (Campany, 1968) e centralizaram na “revolta cultural dos jovens” (De Miguel, 1972). No entanto, desde 1985 o conceito de gerações tem sido “redescoberto” pelas novas gerações de pesquisadores espanhóis, que o estão retomando para reler e repensar as concepções clássicas a partir de Aranguren até Ortega y Gasset. (FEIXA & LECCARDI, 2010, p.198).

Para uma melhor compreensão sobre as características dos movimentos sociais, buscando uma diferenciação entre movimentos sociais e movimentos alternativos, enquadraremos os conceitos de movimentos descritos por Scherer-Warren (1984), que encara as demandas como referências objetivas de cada movimento, tornando-se signos e tendo sua representação simbólica nas políticas públicas de cidadania como tradução de seus significados. Para um conceito válido de mundo alternativo buscamos o aplicado por Comaroff e Comaroff (2010, p. 37):

Em suas dimensões hegemônica, qualquer cultura se apresenta, de fato, como relativamente coerente, sistêmica, consensual e imbuída de autoridade [...]. Mas há sempre forças compensatórias atuando em paralelo: dialetos divergentes, estilos incongruentes, moralidades e visões de mundo alternativas.

Como exemplo de movimento alternativo relacionado ao uso de drogas psicodélicas poderíamos citar os já descritos por Becker (2009) na obra “Outsiders: Estudo da sociologia do desvio” onde é feita uma descrição densa de jovens trabalhadores músicos usuários de maconha durante os anos de 1960. Como exemplo de movimento alternativo juvenil a mobilização social em torno do fato da prisão de John Sinclair nos Estados Unidos, que foi condenado a pena conhecida como dois por dez, o que rendeu uma música do Beatle Jhon Lennon, chamada

“John Sincklair” do álbum “John Lennon And Yoko Ono With The Plastic Ono Band” em 1972. O movimento alternativo descrito por Mayna Neres também faz uso da maconha enquanto droga psicodélica.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa observou os movimentos alternativos dentro dos movimentos sociais, bem como, os grupos de usuários de maconha enquanto droga psicodélica dentro dos movimentos alternativos. Para tanto, foi proposta uma análise da ação social que envolve o uso ritual de maconha enquanto droga psicodélica. Vejamos na fala de Mayna, como o ritual de uso da maconha é encarado pela artista: “Quando eu comecei a fumar, eu tinha 18. Meus pais sempre fumavam dentro de casa. Mas, eu me condicionei

sempre a fumar e fazer alguma coisa... Eu não fico ali parada. Fumo e vou fazer a ginástica olímpica, dar um Salto

Mortal...fazer alguma coisa”.

Ainda sobre movimentos alternativos que buscam as formas não hegemônicas de arranjos sociais, ou seja, comportamentos desviantes do padrão ou tipo ideal de ação comportamental humana, podemos citar a obra de Sedgwick (2007), “Epistemologia do armário”, a qual aborda uma reflexão sobre os conflitos gerados por jovens estadunidenses ao revelarem para a sociedade a força de sua identidade gay em oposição ao padrão hegemônico hétero normativo. Já que a estrutura, antes mesmo de existir enquanto estrutura, necessita fundamentalmente da sua condição estruturante.

O conceito de força de trabalho proposto por Marx (1985), nesse ponto, é enquadrado pela teoria de Bourdieu (1989) – não só em termos da teoria marxiana, acrescentando ainda, o processo de aquisição ou não do chamado capital cultural.

Os movimentos alternativos, como forma de buscar uma outra realidade que não seja a imposta pela estrutura hegemônica, ganham mais força em Teresina – PI, seja em movimentos universitários de contracultura como o “Salve Rainha” e “POEZINE”, passando por espetáculos teatrais como a peça “O Diálogo dos Bichos”, que desafiam o público, por meio da fábula, a refletir sobre a atual condição política, ou mesmo em mostras de cinema como “Mostra de Cinema Alternativo de Teresina” realizada em maio de 2012 cuja proposta discute o papel do cinema alternativo na formação de uma identidade geracional teresinense.

No Rio de Janeiro-RJ, historicamente, os movimentos de contracultura em sua forma alternativa desafiam a hegemonia vigente como o “Tropicalismo”, que até hoje influencia diretamente vários movimentos, a exemplo do “Sarau Ratos Di Versos” organizado pelos poetas Alexandre Durratos e Edimilson Borret e a poetisa Marisa Veras no tradicional bairro da Lapa.

Esse tipo de movimento se expandiu atingindo diversos setores dos movimentos sociais e culturais a exemplo dos gêmeos Jorge Sankler e Jorge Luciano mais conhecidos como “Fáisca e Fumaça”, que iniciaram sua carreira artística em Teresina-PI misturando: malabares, palhaçaria e Hip Hop, e conquistaram o mundo através de uma breve temporada na Escola Nacional de Circo da cidade do Rio de Janeiro-RJ, onde foram convidados a integrar uma companhia internacional de circo e dança contemporânea chamada ACCRORAP da França, realizando espetáculos por toda Europa, Ásia e Oceania, e retornando para o Brasil

na cidade do Rio de Janeiro onde residem atualmente e fazem um trabalho social através do movimento alternativo.

Essa reflexão torna-se fundamental para que sejamos capazes de perceber o significado do conceito trabalho na estrutura da linguagem e como e sob quais condições o trabalho se torna um marcador identitário para, com isso, perceber o trabalho dos indivíduos ou sujeitos sociais alternativos enquanto um elemento simbólico de suas identidades, marcando coletivamente os movimentos sociais em cada geração ao longo dos marcos históricos construídos pela vida em sociedade, ligando o sentido das ações sociais dos sujeitos alternativos e seus trabalhos artísticos enquanto fenômenos coletivos dos movimentos sociais, fazendo sentido e facilitando a compreensão dos conflitos presentes não apenas no campo comunicacional.

É neste campo comunicacional onde a linguagem sedimenta a estrutura social para manifestar as condições estruturantes de organizar, com um toque de glamour, a marginalização e exclusão dos sujeitos, em nome de uma ordem e progresso do capitalismo universalizado sem fronteiras na globalização neoliberal.

Essencialmente, o conceito de trabalho dentro da estrutura da linguagem, no capitalismo, tem seus elementos simbólicos fortalecidos ofertando sentido ao substantivo “trabalho” enquanto palavra, mascarando a raiz transformadora da ação do homem ao executar socialmente o trabalho, que é como propunha Marx (2013), o trabalho é ação transformadora do universo no processo social e relacional de transformação humana de sua energia vital em satisfação de suas necessidades básicas e imediatas, na transformação do ambiente enquanto espaço a ser compreendido como lugar.

A ideia de trabalho como marcador identitário de um sujeito subversivo ou alternativo é ressignificada na ação social da escolha por uma profissão que gera a subsistência pelo trabalho. Como a arte em sua áurea que é capaz de romper com o conceito final da obra de arte enquanto mercadoria da indústria cultural vista por Horkheimer & Adorno(1997) ou mesmo na forma de objeto do trabalho a ser reproduzido no processo de perda de sua aura como propunha Walter Benjamin (1994). Portanto, a ação social de escolher a profissão de artista lança esses elementos enquanto sujeitos alternativos nas formas estruturais de identidades hegemônicas.

A juventude tem protagonizado o papel de vanguarda nas transformações do tecido social, enquanto principal fatia produtiva de todas as formas de organização humana ao longo de sua história. Na super modernidade ou contemporaneidade também não é diferente, os

jovens são os principais atores dos movimentos sociais e alternativos, expressando suas emoções em uma linguagem própria de suas gerações constituindo seus marcadores identitários como no caso dos hippies nos anos 60, ou mesmo nos dias atuais como o movimento Poezine em Teresina-PI ou Ratos Di Versos no Rio de Janeiro-RJ.

O termo alternativo é referente à busca por novas formas de organização social, novos arranjos culturais e sociais capazes de alterar a estrutura inconsciente coletiva em sua práxis, alterando o campo social onde a hegemonia é dominante não apenas nos meios de produção. Não é uma simples ideologia de setores ou grupos sociais divergentes da estrutura préestabelecida. Parte de uma consciência crítica e reflexiva sobre as formas dominantes e de dominação, que, em sua práxis, são construídas na ação social do sujeito individual ou coletivamente através dos movimentos sociais ou individuais. Este último, por ser notoriamente divergente e altamente conflitante com a hegemonia, é logo desqualificado e confundido com algum transtorno. Porém, quando essa ação ganha força por meio da experiência na vida social e outros sujeitos contestam mutuamente a estrutura hegemônica, logo os movimentos sociais ganham corpo construindo suas diversas ideologias divergentes capazes de alterar a estrutura.

Embora não esteja completamente desvinculado da simples relação de troca da força de trabalho por um salário, esses sujeitos jovens alternativos e artistas profissionais ainda estão presos ao mercado capitalista através do produto de seu trabalho, que é a obra de arte agora transformada em mercadoria e de alguma maneira fagocitada pela moderna indústria cultural de Adorno & Horkheimer (2002).

Epistemologicamente, os marcadores identitários “trabalho” e “juventude” não devem ser percebidos como formas originárias de conflito entre os elementos da estrutura onde orbita a linguagem hegemônica do discurso proibicionista, mas, torna-se evidente que o conflito está presente na construção social desses marcadores identitários sendo capaz de possibilitar a transcendência da estrutura, como sugere Bourdieu (1989), em suas condições estruturadas para manter a ordem institucional do discurso hegemônico e proibicionista que modela a carga simbólica da força em sua intensidade de penetração da estrutura por meio do discurso a ser apresentada para que a mensagem transmitida seja capaz de oferecer a estrutura, uma vez já estruturada, para que a mesma seja capaz de transcender a sua condição estruturante sendo assim matriz, matéria e materializadora da linguagem hegemônica em seus mais diversos discursos inclusive o proibicionista.

É preciso observar o campo comunicacional onde a linguagem de cada indivíduo usuário de droga transmuta em uma rede simbólica tecida por vários marcadores identitários como o “trabalho” ou profissão a ser escolhido por cada um desses indivíduos em sua maioria: músicos, escritores, atores, artistas em suas mais diversas formas, professores, percebendo que esse ritual da escolha de uma profissão é um fato social que ocorre nas mais diversas sociedades, e que na sociedade moderna no processo de amadurecimento do jovem. As tribos de poetas têm uma linguagem própria transmitindo sentido em suas roupas e adereços a exemplo da máscara de rato utilizada cotidianamente pelo poeta Alexandre Du Ratos como ele mesmo prefere ser chamado, havendo uma forte identificação desse indivíduo com o grupo dos Ratos Di Versos no qual ele se tornou um elemento representativo.

Muitas dessas bandeiras foram incorporadas às agendas governamentais e refletidas em políticas públicas de várias formas como a flexibilização da legislação antidrogas no Brasil e em vários lugares do mundo onde já é permitido inclusive o uso da maconha para efeitos recreativos.

3.4. EMOÇÕES NO ESTUDO SOCIOLÓGICO DA JUVENTUDE NOS MOVIMENTOS ALTERNATIVOS

As emoções assim como a razão sempre formaram as ações humanas, embora a racionalidade tenha sido posta em maior destaque analítico diante das mais diversas teorias sociológicas e antropológicas clássicas e contemporâneas.

Sem as emoções não seria possível o homem dito “primitivo” se comunicar através da mímica e das expressões gestuais e faciais capazes de sensibilizar o outro criando um campo comunicacional que seria vital para o desenvolvimento da linguagem, e de uma estrutura social gerada na socialização, a princípio pautada na emoção do teatro social enquanto primeira forma de expressão de uma cultura humana.

O processo de criação social é resultante das ações dos homens em relação, tornando-se possibilidades que se fundam através dos jogos interativos entre indivíduos ou grupos. Jogos onde as emoções permitem escolhas possíveis para a sua realização, bem como para a estruturação de lógicas discursivas que fundamentam as relações de troca, que nada mais são do que estratégias de poder entre relacionais. SIMMEL (2004) p. 28

Desde SIMMEL (2004), passando pelas contribuições de MAUSS (2001) e DURKHEIM (1996) as emoções já faziam parte do universo sociológico na academia, mas

era preciso um olhar mais atento para observar o peso de tais emoções diante da ação dos indivíduos em sociedade, e como essas emoções individuais são também construídas coletivamente por meio da moral e da influência direta das instituições na estrutura inconsciente coletiva, que regulamenta o universo simbólico da cultura enquanto força motriz da coesão e da harmonia social, gerando muitas vezes conflitos entre os desejos do indivíduo e os anseios coletivos da moral.

Já a concepção de trabalho em Durkheim (1999), está construída acerca do processo de industrialização e, ao contrário de Marx (1985), não critica o modelo do capitalismo, mas argumenta que a divisão do trabalho é importante e que a mesma consolida a existência da coesão social. Durkheim (1999), acrescenta à categoria do trabalho a função primordial para a existência de uma comunidade, pois através dela se entrelaçam as teias da coesão social e da interdependência, desenvolvendo a ideia de que o trabalho representa o fator harmônico entre os indivíduos.

Numa cidade, podem coexistir diferentes profissões sem se prejudicarem mutuamente, porque elas prosseguem objetivos diferentes. O soldado procura a glória militar, o sacerdote aumento moral, o homem de estado o poder, o industrial a riqueza, o cientista o renome científico; a cada um deles pode assim atingir e seu fim sem impedir os outros de atingirem os seus. Tudo se passa do mesmo modo porque as funções estão menos afastadas umas das outras. (DURKHEIM, 1999, p. 48)

Para Durkheim (1999), a intensidade das especializações do trabalho em maior ou menor gênero podem construir modelos de solidariedades: mecânica e orgânica.

A solidariedade orgânica dará conteúdo para as suas análises em relação ao modelo capitalista moderno que percebe as tensões criadas em seu âmago como um problema moral. Sendo assim, se a divisão do trabalho não produz coesão social, é devido as relações desses diversos setores da sociedade, não estarem regulamentadas adequadamente pelas instituições sociais, fenômeno gerador da anomia social.

Feito esse recorte epistemológico, já podemos reconhecer que a categoria trabalho não está contido somente no processo de transformação do universo pela ação racional humana. Podemos ir adiante, observando dentro deste campo subjetivo o surgimento de uma metamorfose na modernidade com as novas formas de relações super aceleradas, ou seja, super modernas, que não consistem apenas em aspectos psicológicos como a solidão, a angústia, o individualismo e, em casos mais graves, a depressão, adquiridos com o aumento da solidariedade orgânica.

Por meio da moderna solidariedade orgânica, cada indivíduo pode ter seus próprios valores sem afastar-se da cultura burguesa que fundamentou o estado capitalista moderno e agora põe em cheque as suas relações e instituições, assim como sua própria estrutura econômica a partir do momento em que também acelera as relações de trabalho, a ponto de substituir parte da força do trabalho humano por máquinas.

A visão de Max Weber (2009), observa esse tema da categoria trabalho com pontos de vista diferentes dos outros autores, propondo uma análise do trabalho no capitalismo no âmbito econômico da moral, ao invés do cultural. Pontuando o *éthos* do capitalismo na sua gênese religiosa apoiado no puritanismo e calvinismo, que reformularam a doutrina cristã na Europa, percebendo em diferentes países qual seria a influência da religião nas economias e mostrando que nos países industrializados havia um número significativo de empresários e jovens trabalhadores qualificados, denominados protestantes.

Dessa maneira, Weber (2009) percebe que há uma relação de valores (puritanos e calvinistas) nas gêneses do capitalismo moderno, apontando assim, uma ligação da esfera religiosa e as transformações na economia e na esfera do trabalho, chamando atenção para o espírito do capitalismo.

Fazendo uma associação entre o trabalho e a salvação espiritual, esta que estava relacionada à poupança, ao esmero, ou melhor, ao sacrifício do trabalho sem ócio e que prosperar na terra seria o gozo espiritual da benção divina. Weber (2009) buscou na racionalização do trabalho a explicação para o surgimento das relações de trabalho capitalista, em que o trabalho se torna um valor em si mesmo, uma vocação, uma dádiva divina orquestrada por Deus.

Aos olhos da sociedade moderna, veremos como a categoria trabalho se apresenta com seus avanços e retrocessos sobre a juventude trabalhadora, por meio de ideias reformistas relacionadas ao novo espírito do capitalismo no Brasil e no mundo globalizado em redes de conexões universais do capital.

A precarização nas relações de trabalho e seguridade dos trabalhadores do século XXI, no Brasil, ocorreu através de sucessivas reformas na legislação da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, deixando o jovem trabalhador sem a obrigação por parte da empresa, vista agora como um projeto onde o trabalhador é um colaborador, da formalização do contrato de trabalho, ou mesmo não pagamento dos salários através da remuneração por horas trabalhadas.

A questão da perda de força ou poder de pressão dos sindicatos enquanto representantes dos trabalhadores também aconteceu através de reformas na legislação, no campo do direito os jovens trabalhadores foram transformados em colaboradores pela flexibilização das regras de compra e venda da força de trabalho, mascarado sob o discurso da inovação no projeto que a empresa e o estado moderno têm se caracterizado pelo avanço do novo espírito do capitalismo.

Desta forma, a possibilidade de o colaborador rescindir seu contrato diretamente com a empresa sem a obrigatoriedade de ser avaliado por um sindicato que represente a categoria, dentre outros motivos, enfraqueceu o poder de mobilização dos sindicatos enquanto representantes das diversas categorias de jovens trabalhadores.

No começo da modernidade, a força de trabalho era utilizada por jovens trabalhadores no chão das fábricas. Hoje, os novos projetos de empreendedorismo transformam o jovem trabalhador em colaborador, descaracterizando-o. Com o advento da pandemia da COVID19, este outrora trabalhador, uma vez transformado em colaborador, também foi obrigado a transformar seu lar em um eficiente ambiente de trabalho remoto através do *home office*.

O medo de todos contra todos de HOBBS (2019) no seu discurso jus naturalista, já era uma emoção bastante razoável a ser levada em consideração para uma organização mínima do tecido social, embora, o lugar das emoções nas ciências humanas parecia bastante discreto e em alguns momentos até mesmo invisível diante da ação social racionalizada pelo desencantamento de mundo moderno em transição para o que sugere AUGÉ (2003) uma sociedade super moderna.

No Brasil, a sociologia das emoções tem sua maior representação em Mauro Koury (1950-2021), sociólogo brasileiro que ganhou notoriedade internacional com seu trabalho como editor da “Revista Brasileira de Sociologia das Emoções”, uma revista on-line do Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções (GREM), da Universidade Federal da Paraíba. KOURY (2009) busca enquadrar a categoria das emoções enquanto objeto da investigação sociológica.

Desta forma, percebemos as emoções tanto na ação do indivíduo em relação ao uso ou não da droga, quanto no ritual propriamente do uso em suas mais diversas formas, além da moral enquanto força motriz de coesão social que impelem os sujeitos a sentir sua força seja através da polícia enquanto instituição representante da lei, ou através de sanções como o estereótipo do “maconheiro safado” difundido nos programas policiais que fazem parte das grades da programação dos meios de comunicação de massas.

As pré-noções alimentadas pela ideologia hegemônica através da mídia, ou mesmo de outras formas capazes de regular a ação social por meio das emoções dos indivíduos, contribuem para modelar os tipos ideais de marcadores identitários formadores das várias gerações e grupos sociais com interesses divergentes e conflitantes na sociedade.

Estas emoções encontradas nas pré-noções constituem um rico universo de investigação para uma abordagem sociológica, dentro de seu paradigma de ciência reflexiva e analítica das estruturas socioculturais e dos campos sociais de atuação dos rituais e tabus. Sendo, portanto, fontes de material de estudo para o sociólogo, que busca, através de novas perspectivas acerca desses rituais, uma forma de ver o usuário de drogas sem o olhar etnocêntrico criado pela solidariedade orgânica e pelo capitalismo globalizado em suas políticas antidrogas. Nesse sentido, é preciso melhorar a compreensão sobre a droga e as emoções relacionadas aos conflitos com esse tabu na sociedade contemporânea.

3.5 MOVIMENTO ALTERNATIVO, JUVENTUDE E TRABALHO

O trabalho, bem como outras “coisas”, é também algo inerente ao homem enquanto animal político, social e cultural, como diria Aristóteles (1998). Nessa lógica racional, a categoria trabalho, que antes não fora profundamente analisada por Aristóteles (1998), assim como a categoria juventude alternativa passam de uma construção subjetiva para ser concretizado de forma objetiva em suas *práxis* no processo da interação verbal e ação racional laboral humana. Nesse processo, os termos “trabalho” e “juventude” deixam de ser uma mera categoria de relação social para serem incorporados, através da cultura, no inconsciente coletivo, como forma de padrão comportamental, tipo ideal de ação social transformadora do universo no desempenho do papel social.

As sociedades modernas têm, como principal característica, a diferenciação social. Isto significa que seus membros não apenas possuem atributos diferenciados (idade, sexo, religião, estado civil, escolaridade, renda, setor de atuação profissional, etc), como também possuem idéias, valores, interesses e aspirações diferentes e desempenham papéis diferentes no decorrer da sua existência. (RUA, 2000).

A juventude, enquanto categoria do universo social, carrega muito forte e presente em suas diversas gerações seus respectivos marcadores identitários. Os marcadores identitários são os conjuntos de símbolos responsáveis por uma materialização da subjetividade na

estrutura social constituída da cultura, enquanto formas de subjetividade humana e tipo ideal de ação social dos sujeitos.

Entre 1923 até os anos de 1960, foi sustentado um consenso em torno das teorias sobre juventude e geração e os principais teóricos: Ortega y Gasset, (1923), Mannheim (1928). A questão do problema geracional ou conflito geracional desde os anos de 1960, com uma explosão de protestos em todo o mundo em que a juventude é tida como vanguarda dos movimentos de luta por transformações sociais, entra no foco das pesquisas sobre juventude e geração.

Partindo da perspectiva do conceito categórico de trabalho e juventude na estrutura da linguagem de Saussure (2006) antes mesmo de ser compreendida como processo, as categorias trabalho e juventude são representações sociais da estrutura cultural inconsciente e coletivizada na ação social por meio da interação verbal, proposta por Bakhtin (1979), passando a existir concretamente ao exercerem suas práxis em seu poder simbólico de organização da sociedade. A estrutura da linguagem já é estruturada e se transforma em estruturante, como entende Bourdieu (1989), então é no processo de interação verbal sugerido por Bakhtin (1979) através da Zona de Desenvolvimento Proximal por meio do desenvolvimento da criança descrito por Vygotsky (1984), que acontece a transformação da estrutura estruturada em sua forma estruturante, ao transmitir através da linguagem os símbolos capazes de construir sentido as “coisas” no ensino e aprendizagem da criança, desde o nascimento ao seu desenvolvimento como ser humano.

A “coisa” é uma categoria indefinida dentro da estrutura da linguagem que vai ser construída no desenvolvimento da criança através da interação verbal, ao construir suas próprias categorias mentais se apropriando de símbolos por meio da estrutura que já é estruturada e exerce culturalmente poder coercitivo sobre a criança, pela via do discurso moral e moralizante no processo de educação que passa pelo ensino e aprendizagem ao longo do seu desenvolvimento.

Mas, a categoria trabalho não é uma simples “coisa” ou apenas uma representação categórica na estrutura cultural da linguagem. A prova prática disso é o fato de que vivemos divididos entre dominantes e dominados segundo a dialética materialista da história. Daí a importância da compreensão da teoria de Bourdieu (1989), como leitor da teoria marxiana, já que corrobora com Marx (1985) e vai adiante ao perceber que, além da divisão da sociedade em classes sociais, no processo social do trabalho encontramos as matrizes desse processo por

meio da concepção de capital cultural, em sua relação com a estrutura estruturante que só existe em sua própria condição estruturada em que a cultura exerce coercitivamente uma força sobre o comportamento padrão na forma de moral na relação dialética estabelecida entre indivíduo *versus* sociedade, ou seja, pela via do discurso.

Por sua vez, as teorias críticas que se desenvolvem ao longo dos anos 1960 tendem a uma posição politicamente mais revolucionária. Mas a característica principal delas é a relação mais contundente que fazem entre a estrutura socioeconômica e a experiência da juventude (GROPPO, 2015, p. 5).

A problematização sobre juventude e o conceito de geração na sociologia aconteceu em três diferentes momentos ou contextos históricos, sendo o primeiro em meados de 1920 com Ortega y Gasset, (1923), e Mannheim (1928) baseados nas ideias clássicas de August Comte e Dilthey e seus escritos do século XIX.

O segundo momento ou contexto histórico das teorias sobre juventude e geração ocorre ainda na segunda metade do século XX, mais precisamente nos anos de 1960, com uma época de protestos liderados pelas mais diversas juventudes do mundo moderno surgindo uma teoria crítica que vai abordar as questões em torno do problema ou conflito geracional, trazendo novos elementos como subcultura juvenil relacionando e modificando a forma como a sociedade e o estado enxergavam a juventude e os seus movimentos: sociais, de contracultura e alternativos.

O terceiro momento ou contexto histórico que forma as teorias sociológicas sobre geração e juventude ocorre em meados dos anos de 1990, com o fortalecimento do discurso do novo espírito do capitalismo de Boltanski e Chiapello (2009), e de uma sociedade capitalista mais globalizada, influenciando diretamente na formação de redes de conexão e relações sociais fluidas e super aceleradas como sugere Augé (2005). A sociologia, neste terceiro momento, através do olhar de autores como Maffesoli (2007), e da formação de uma teoria pós-crítica destacando-se que o foco das pesquisas passa a problematizar entre outras questões a sobreposição geracional.

3.6 REFLEXÕES A POSTERIORI

A questão da arte e do trabalho alternativo enquanto marcador identitário é uma categoria alegórica do processo de condução da linguagem em suas múltiplas faces, onde os sujeitos sociais absorvem os símbolos contidos nas mensagens linguísticas implícitas nos

mais diversos discursos, perfazendo liquidamente seus valores que sedimentam suas formas transcendentais de identidade social cada vez mais flutuantes nas condições contemporâneas de arranjos sociais.

A observação participante e a análise dos dados coletados no campo desta pesquisa nos levam a perceber que:

- a) o trabalho alternativo também se configura um marcador identitário;
- b) o trabalho alternativo tem uma dimensão terapêutica tanto para quem realiza quanto para quem o contempla;
- c) todo conflito não surge do choque simbólico entre os marcadores que formam as mais amplas identidades em disputa pela validação simbólica e coletiva nos processos de execução dos papéis sociais, estes os papéis sociais constroem ou desfazem racionalmente as lógicas elementares das ações dos sujeitos sociais, sujeitos que por sua vez ao executarem seus papéis sociais interagindo no campo comunicacional moldam as linguagens, dialogicamente, postas a priori em lados distintos e dialéticos do campo social da comunicação.

Diante daquilo que foi percebido em campo, concluímos que todo conflito presente no trabalho alternativo relativo aos rituais de uso da maconha enquanto droga psicodélica, provém dos discursos hegemônicos que permanecem carregados de simbolismo moral judaico cristão.

Estes discursos circulam no campo comunicacional, onde é abominado o uso de drogas, tratando o uso como um pecado, sob alegação de destruir o corpo visto como sagrado. Partindo dessas alegações, é originado o discurso proibicionista que trata o uso como algo a ser criminalizado e o usuário como infrator da moral e da lei, sendo passível de punições por parte do estado que utiliza das políticas públicas para levar, através das forças policiais, a repressão, morte e o encarceramento de jovens, em sua maioria negros e da periferia das cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 2003.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: _____ . Magia e Técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BAKHTIN/VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi- 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARROS JÚNIOR, Francisco de Oliveira. **O sociólogo vai ao cinema**. Teresina: EDUFPI, 2020.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Em Tese**, v. 2, n. 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: [<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976 >](https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976) . Acesso em: 19 nov. 2020.

BEZERRA, José Pereira. **Anos 70: por que essa lâmina nas palavras? Antiestética marginal & geração mimeografo no Piauí**. Fundação Monsenhor Chaves. Teresina – PI 1993.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Em Tese, v. 2, n. 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 19 nov. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Le sens pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O paradoxo do sociólogo**. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 6. ed. Petrópolis: Vozes Editora.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

COSTA, S. V. N. **Emoções e espiritualidade rastafári nas bandas de reggae em Teresina**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - UFPI. Piauí, p.138. 2016.

COMAROF, J.; COMAROF, J. Etnografia e imaginação histórica. **PROA Revista de Antropologia e Arte**, v. 1, n. 2, 1 dez. 2010. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2360/1762>>. Acesso em 19 nov. 2020.

DE BRUYNE, Paul, HERMAN, Jacques & DE SCHOUTHEETE, Marc (1977). **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. Os Nuer. **Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **O manifesto comunista**. 5.ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999. 65 p.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como ideologia**, Lisboa, Edições 70, 2009.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HORKHEIMER, M., e ADORNO, T. W., **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

HUXLEY, Aldous. **Moksha: textos sobre psicodélicos e a experiência visionária**. 19311963. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

JUNG, Carl Gustav . **O homem e seus símbolos**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Editora nova fronteira, 1964

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A crise moderna da antropologia**. **Revista de Antropologia**. v. 10, p. 19-26.1962.

MAFFESOLI, Michel.**Le temps des tribus: le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes**. Paris, Méridiens Klincksieck, 1988.

MAFFESOLI, M. (2007). "**Tribalism and hospitality**", in J. Larrosa (ed), On generations. On coexistence between generations, Barcelona: Fundació Viure i Conviure, pp. 377-379.

MANNHEIM, K. 1993. "**El problema de las generaciones**", Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS), n. 62, pp. 145-168 ["Das Problem der Generation", in Wissenssoziologie. Auswahl aus dem Werk, hg. von Kurt H. Wolff, Neuwied/Berlin: Luchterhand, 1964, pp. 509-565; "The Problem of Generations", in Essays on the sociology of

knowledge, edited by P. Kecskemeti, Nova York: Routledge & Kegan Paul, 1952, pp. 251-273] [1928].

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital.** Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** SP: Boitempo, 2010.

MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de. **Os usos da imagem nas ciências sociais.** *Revista Estudos Históricos*, v. 13, n. 23, p. 214-219, 1999. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2084/1223>. Acesso em: 19 nov. 2020.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral: uma polêmica.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos Sociais: um ensaio de interpretação sociológica.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1984.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

ROCHER, Guy. **Sociologia Geral 2.** Lisboa: Editorial Presença, 1979.

TURNER, Victor. **Os símbolos no ritual ndembu.** In: **Floresta de símbolos: Aspectos do ritual ndembu.** Niterói, RJ: EdUFF, 2005.

OLIVEIRA, R.G.M. **Dramaturgia Piauiense da Poesia a Política – Trilogia de Raphael Gerardo Morais de Oliveira.** Rio de Janeiro. Câmara Brasileira de Jovens Escritores – CBJE. 2016.

OLIVEIRA, R.G.M. **Diálogo dos Bichos in: Contos Fantásticos 7.** 1ªed. Rio de Janeiro: CBJE, 2007.

OLIVEIRA, R.G.M. **Oração in: Antologia de Poetas Brasileiros Contemporâneos 39.** 1ªed. Rio de Janeiro: CBJE, 2007.

OLIVEIRA, R.G.M. **Avenidas in: Poemas dedicados.** 1ªed. Rio de Janeiro: CBJE, 2007.

ORTEGA Y GASSET, J. (1966). "La idea de las generaciones", *El tema de nuestro tiempo, Obras completas*, Vol. 3, Madri: Revista de Occidente, pp. 145-156 [*The modern theme*, Nova York: Harper & Row, 1961] [1923]

TERESINA Ô-KU DO MUNDO POESIA... REBELDIA... ARTE... E... Direção: Francilene Oliveira, Patrícia Vaz, Raphael Gerardo. Brasil: TrapyzoOomba Produções, 2005. 1 DVD.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. 4.ed. Brasília: UnB, 2000 [1921]. v.1

APÊNDICE

<https://www.youtube.com/watch?v=5qLnZAjn-44>

<https://www.youtube.com/watch?v=ZlB7uSfo8n0&t=88s>

<https://www.youtube.com/watch?v=rROTm-hk5-Q>

<https://www.youtube.com/watch?v=rROTm-hk5-Q>

<https://www.youtube.com/shorts/M5JytdzjIUg>



Mostra de Cultura Alternativa, 2021, Teresina-Piauí. Na foto, à esquerda, Alexandre Rota (Xandão Be Desplugar), à direita, Raphael Gerardo (Ragom), durante a gravação do disco “A libertação” das bandas: Poética Planetária Subtropicalista e Miseravão no Stúdio 20^a.



Mostra de Cultura Alternativa, Teresina-PI, 2021. Na foto, à esquerda, Fillipi Neves (Fillipzinho), ao centro, Alexandre Rotam (Xandão) e , à direita, Raphael Gerardo (Ragom) .

Projeto Cultural

Labor arthe

LIVE
DOM
17
OUT
16h

SINDSERM CSP
TRAVESSIA
COLETIVO SINDICAL E POPULAR

Fazendo parte da programação da Mostra de Cultura Alternativa

POÉTICA PLANETÁRIA

MISERAVÃO

[f](#) Sindserm Teresina [▶](#) Sindserm Teresina

Cartaz de apresentação da Poética Planetária Subtropicalisa e Movimento Alternativo Miseravão durante a Mostra de Cultura Alternativa ocorrida entre os dias 16,17 e 18 de outubro de 2021 no Trama Cultura da avenida Santos Dumont em Teresina-PI.



A esquerda Raphel Gerardo (Ragom) a direita Formigão (Músico baixista da banda Planet Hemp que traduzindo significa Planeta Maconha) em uma conversa sobre movimento alternativo com Jorge Luciano (Fumaça da dupla Faísca e Fumaça).
Foto: Jorge Luciano (Fumaça)



Na escadaria da Rua Visconde de Paranaguá em Santa Tereza na cidade do Rio de Janeiro- RJ em fevereiro de 2023 no período da Bienal da União Nacional dos Estudantes. Da esquerda para a direita Raphael Gerardo (Ragom), Mayna Neres(Brasinha), André Rodrigues (Zoiuda), Rutenio Mota (Exclamação), Lucas Carvalho (Reação do Gueto), Flemeds Salazar (Fullreggae).

Praia de Ipanema, fevereiro de 2023. Da esquerda para direita Raphael Gerardo (Ragom), artista de rua cuja identidade é desconhecida vestido com o personagem Pantera Negra, Jorge Luciano (Fumaça), Karla Sabah (Zyka Punk).



Encontro de poetas do sarau Ratos Di Versos na Lapa Rio de Janeiro-RJ fevereiro 2023. A esquerda Karla Sabah (Zyka Punk), no centro Alexandre Du Ratos(Xandú), Raphael Gerardo(Ragom).



Encontro de poetas durante a Bienal da UNE em frente ao alojamento da Juventude da Articulação de Esquerda na Glória Rio de Janeiro-RJ. A esquerda Raphael Gerardo (Ragom), no centro Alexandre Du Ratos(Xandú), a direita André Rodrigues(Zoiuda).

Nome: Mayna Neres (Brasinha) /Idade: 41 anos /Profissão: Artista /Gênero: Feminino

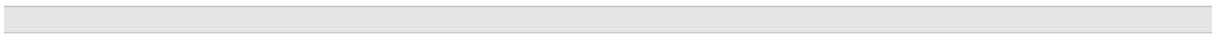
Raça: Negra /Cidade: Rio de Janeiro

Quadro de entrevistas (10.02.2023)

Marcador identitário	Drogas	Movimento Alternativo	Geração	Conflitos	Trabalho
“Conhecida como Brasinha, às vezes dos 7 anos, hoje em dia tem 40. Não parece, mas é minha idade”	“Quando eu comecei a fumar, eu tinha 18. Meus pais sempre fumavam dentro de casa. Mas, eu me condicionei sempre a fumar e fazer alguma coisa... Eu não fico ali parada. Fumo e vou fazer a ginástica olímpica, dar um Salto Mortal...”	“Trabalho desde os sete anos. Mas também outros trabalhos, não é só circo. Ginástica olímpica e outros trabalhos alternativos”	“Conhecida como Brasinha, às vezes dos 7 anos, hoje em dia tem 40. Não parece, mas é minha idade.”	“Mas assim, sempre antes do trabalho, geralmente não uso muita coisa”	“Trabalhar também não tá caro, né? (...)”

	São Mortal... fazer alguma coisa... Então, mesmo quando eu fumo, eu não fumo, para ficar				
--	--	--	--	--	--

□



	morgada!... Alguma coisa... para fazer alguma				
--	---	--	--	--	--

"A gente sempre é... eu trabalho com grupos, mas não sou diretamente do grupo. Estou sempre circulando, procurando novas formas de ganhar dinheiro, para levar a minha profissão da maneira que eu gosto, da maneira que eu acho certo, não se vendendo no sistema. Quando a gente escolhe o que quer, tem que fazer um pouco de tudo."	"Já tentei um LSD, mas assim, depois do show, porque é meio perigoso, mas eu não me comprometo muito, mas dá, é legal quando vai curtir depois do show. Assim, depois que estava no evento."	"Hoje em dia também tem uns trabalhos alternativos (...) porque a gente não se mantém. Não dá, não dá, né? As contas chegam, tem que fazer outras coisas."	"Passei muito tempo em cima, na frente. Agora, estou por trás com a produção de teatro à noite, festas e eventos infantis."	"Já fiz muito Raive, e Raive rola de fazer um número de tecido, jogo de luz, malabares e tal, no meio do evento não rola, rola depois."	"Eu trabalho com circo, dança e com alegria. Isso deixa a gente sempre jovem e de bem com a vida, né?"
"Com o meu trabalho eu já viajei o mundo todo, o Brasil todo: norte, nordeste, sul. Fora do Brasil, eu fiz prática olímpica e fiz circo, depois eu fui para a Escola de Circo para fazer uma reciclagem. No circo eu faço de tudo, desde a pinta de pau, malabares, trapezios e tecidos. Eu sou multiprofissional, o que precisar ali eu faço."		"Passei muito tempo em cima, na frente. Agora, estou por trás com a produção de teatro à noite, festas e eventos infantis. Tudo pode, o que tiver rolando de evento. Só nada ligado ao"	"Eu trabalho com circo, dança e com alegria. Isso deixa a gente sempre jovem e de bem com a vida, né?"	"Eu acho que nos eventos que eu costumo ir eu não vejo conflito, não, porque todo mundo curtir (risos) e quem vai sabe o que pessoal tá usando. Então não pode muito brigar porque tá usando. É mais democrático no Rio de Janeiro, é mais aceitável. Lógico que num evento onde rola um Circo Voador da vida, tem um espaço"	"Trabalho desde os sete anos. Mas também outras coisas, não é só circo. Hoje em dia também tem uns trabalhos alternativos (...) porque só da arte não se mantém. Não dá, não dá, né? As contas chegam, tem que fazer outras coisas."

alguma coisa que vai me encantar."		governo. Não tem como depender deles, se depender deles, nada acontece e ainda vai demorar		que o pessoal vai fumar ali, mas as pessoas acabam que respeitam as outras... Assim de fumar ali ou usar
------------------------------------	--	--	--	--

		muito tempo"		outras coisas.
		"Sou free lance, mas trabalho com tudo que me chamam. Tem umas agências que agenciam o meu	"... Em dia de festa, por exemplo, sábado e domingo, eles alugam a casa de som e já deixam	"Mas onde é Raive vamos ver a festa toda, quando ver se quem não é de usar. Já tá usando."
				"Passei minha vida tempo em cima na frente. Agora estou por trás a produção de teatro à noite, festas e eventos infantis. Tudo pode, o que tiver rolando de evento. Só nada ligado ao"

	trabalho, mas tem um grupo de pessoas que usam o amor e a amizade pra fazer acontecer."	reservado por o domingo o. No domingo o de manhã é o baile da criação, pensando como compensa para os menores e para as futuras gerações. É o que eles podem levar de boa? A arte, de alguma maneira, a gente vai e leva a arte, incentivando, mudando o futuro que vai acontecer."	pode, o que t relando evento. Só ligado governo."
--	---	---	---

	"Acontecem algumas coisas como os projetos no Santo Amaro. A gente se junta e vai atrás dos patrocinadores para acontecer o evento. O patrocínio vem da própria comunidade, é um apoio local. Alguns mercadinho de uma coisa, ou o próprio sistema do local. O comércio	"A gente veio pra cá, eu tinha 12 anos, e meus irmãos tinham acho que 16."	"...aquí não, mas ali no cantinho. Eu acho que um respeito do outro ali dentro de um contexto, né? Eu acho que vai."	"A gente sempre é... eu trabalho com grupos, mas não sou diretamente do grupo. Estou sempre circulando, procurando novas formas de ganhar dinheiro, para levar a minha profissão da maneira que eu gosto, da maneira que eu acho certo, não se vendendo ao sistema. Quando a gente escolhe o que quer, tem que fazer um pouco de tudo"
	local acaba fortalecendo. Todo tipo de comércio legal e ilegal também. A ajuda vem mais do que do ilegal do que do legal. É uma maneira de compensar a violência que tem no local."			

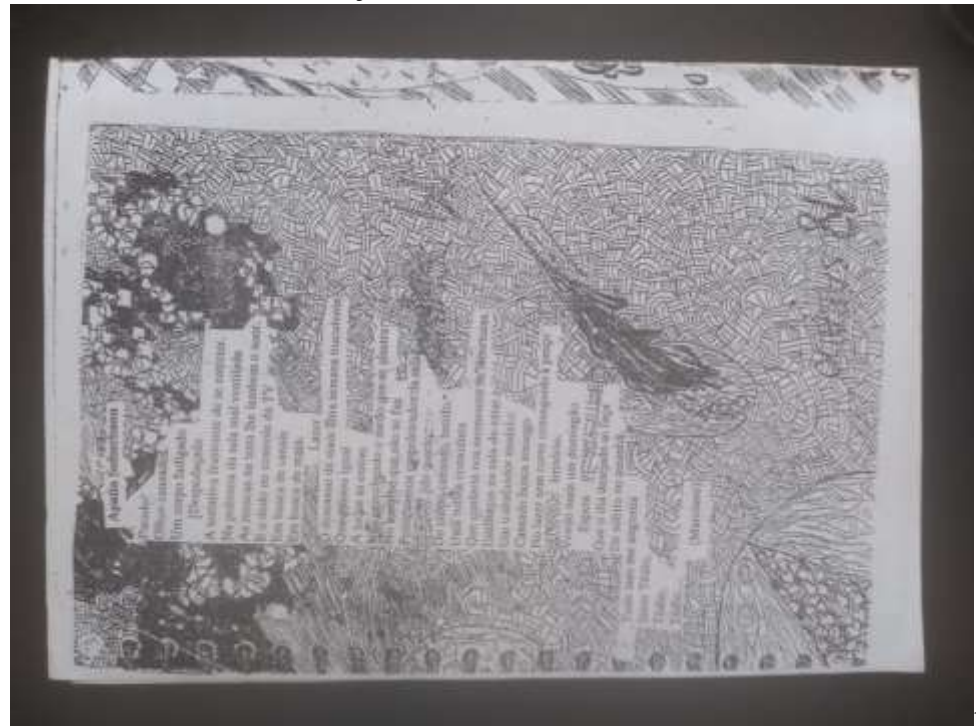
			<p>“E tinha em um show pra gente fazer lá no Vidigal. Vidigal não. Vidigal não. Geral, no Vidigal. Geral tinha um palco grande, tudo era música. Memória acho que era época do mês de julho, por ali, e aí antes da gente subir no palco, a gente olhou para ver se o palco estava livre. Quando eu vi, eu tinha um pessoal de fim nos cantos, assim, com aquele cabelo grande, com aquela pente. Aí o meu irmão olhou assim e falou, ô, a gente não vai subir se aqueles caras não tirarem aquilo. O quê que é aquilo e tá? Aí a moça que contratou a gente falou assim, olha aqueles ali foi quem pagou vocês. A gente olhou e disse que não sabia. Então ela respondeu que se eu contasse pra vocês, tá?”</p>
--	--	--	--

				<p>“você não um querer vir e tudo, aí eles fizeram que...”</p>
				<p>“em através de uma ONG que eles pagaram a gente, e que a ONG era patrocinada pelo tráfico.”</p>

				<p>...A gente era muito novo, não tinha muito ideia de como era. Essa. Esse, esse modo que eles têm com a comunidade que é mais ajudado por eles do que pelo próprio estado."</p>	<p>"O pessoal quando contrata fora, o que mais incentiva a cultura é o europeu. Então, eles vêm aqui no Rio, querem levar pra fora e contratam. Levam, a gente faz o evento e, de lá, já aparece outra coisa."</p>
				<p>"A gente sempre é... eu trabalho com grupos, mas não sou diretamente do grupo. Estou sempre circulando, procurando novas formas de ganhar dinheiro, para levar a minha produção da maneira que eu gosto, da maneira que eu acho certo, não se vendendo ao sistema. Quando a gente escolhe o que quer, tem que fazer um pouco de tudo."</p>	
				<p>"Sou free lance, mas trabalho com tudo que me chamam, tem umas agências que agenciam o meu trabalho, mas tem uns grupos de pessoas que usam o amor e a amizade pra fazer acontecer. Acontecem algumas coisas como os</p>	

					<p>projetos no ano Amaro. A gente se junta e vai atrás"</p>
					<p>"É, teve uma vez que, como a gente faz muito show em Teresina, já estivamos muito conhecidos."</p>

A seguir imagens do fanzine Poezine:
Edição nº06

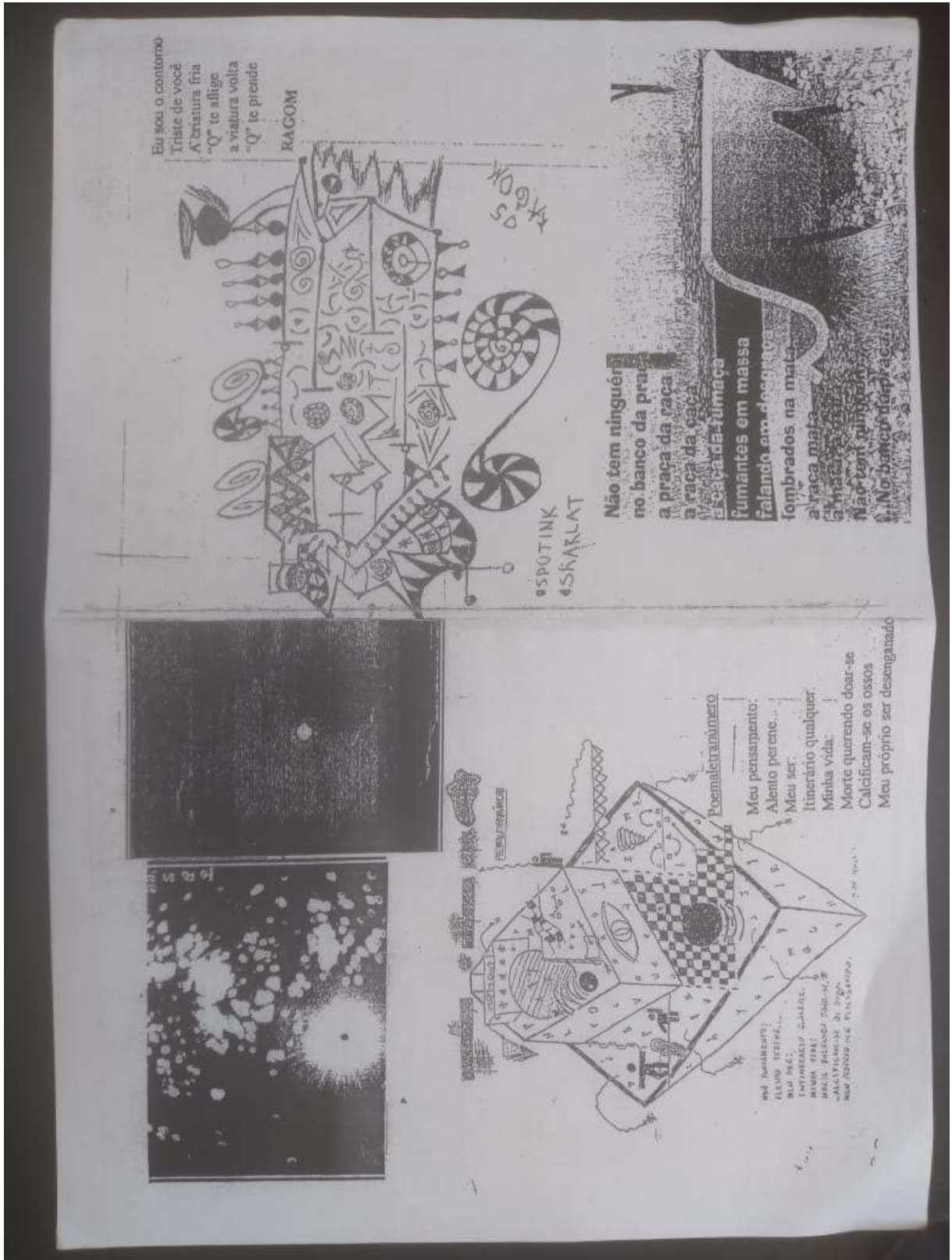


p





Poezine Edição nº06 publicado em 2006.



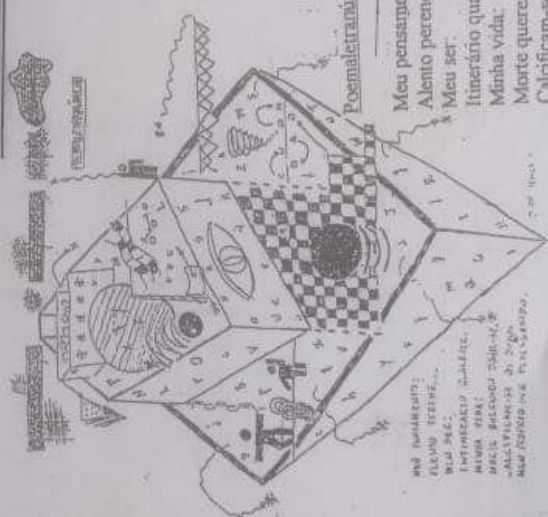
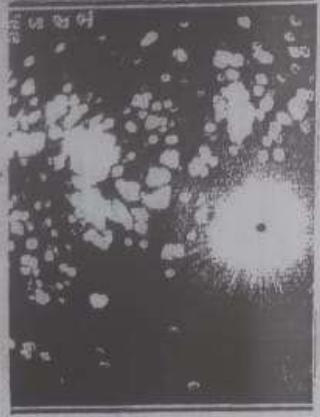
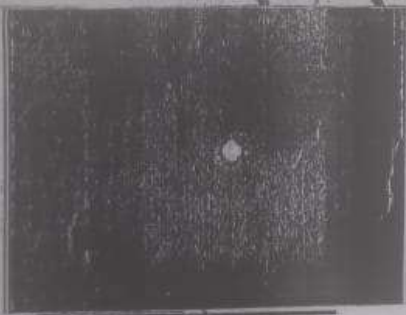
Eu sou o contorno
 Triste de você
 A natureza fria
 "Q" te alige
 a viatura volta
 "Q" te prende

RAGOM

OS
 KOK

SPOTINK
 SKARLAT

Não tem ninguém
 no banco da praça
 a praça da raça
 a raça da praça
 a praça da raça
 fumantes em massa
 falando em deuses
 fofrados na mata
 a raça mata
 a mata
 Não tem ninguém
 No banco da praça

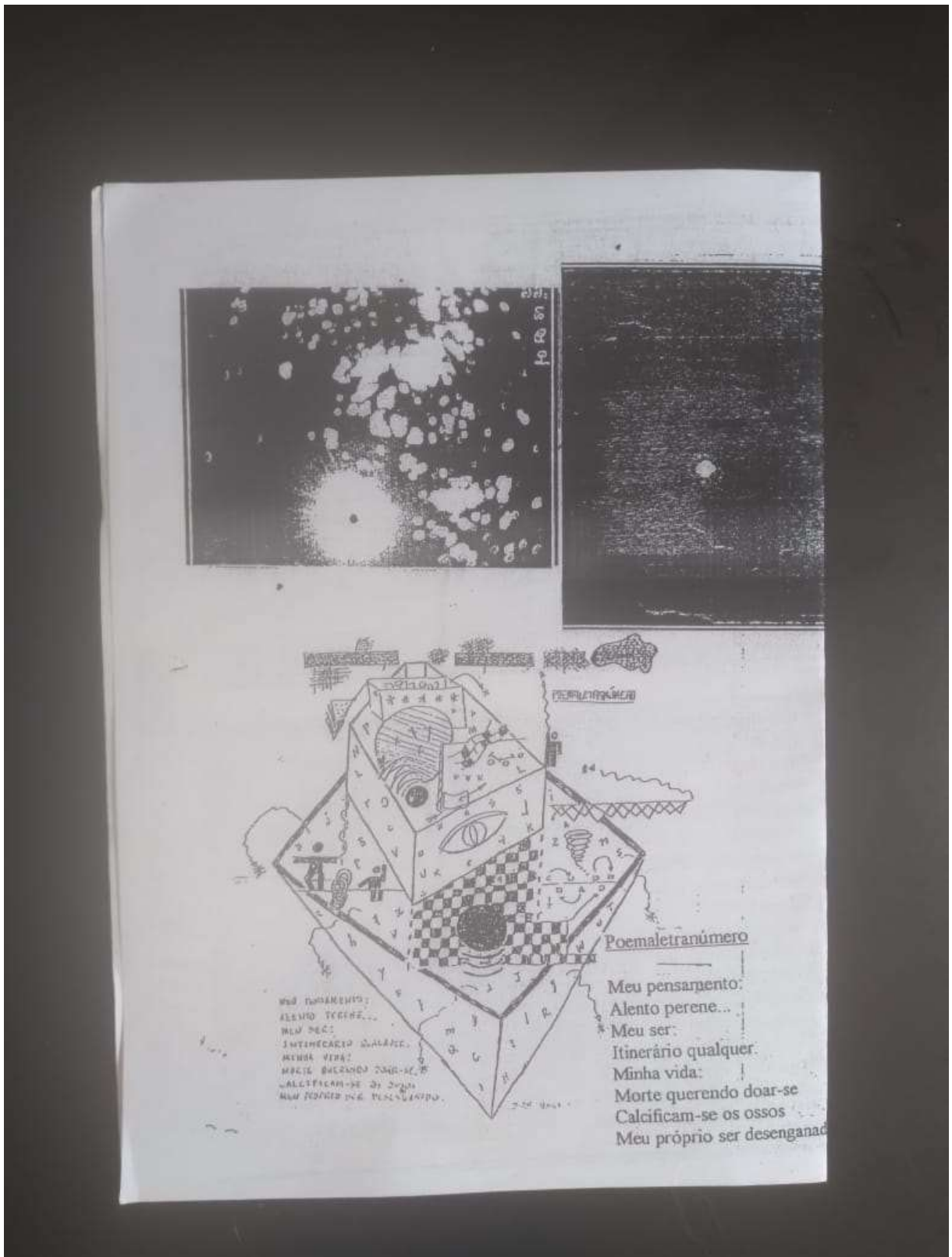


Poema trunimero

Meu pensamento:
 Alento perene...
 Meu ser:
 Itinerário qualquer
 Minha vida:
 Morte querendo doar-se
 Calcificam-se os ossos
 Meu próprio ser desenganado

NO INIMICHO?
 ELAVO TERRE...
 NEM SAC:
 ENTREACTO...
 NEMIA EIA:
 MACIE...
 NEM JORDAO NA TELA...
 NEM JORDAO NA TELA...

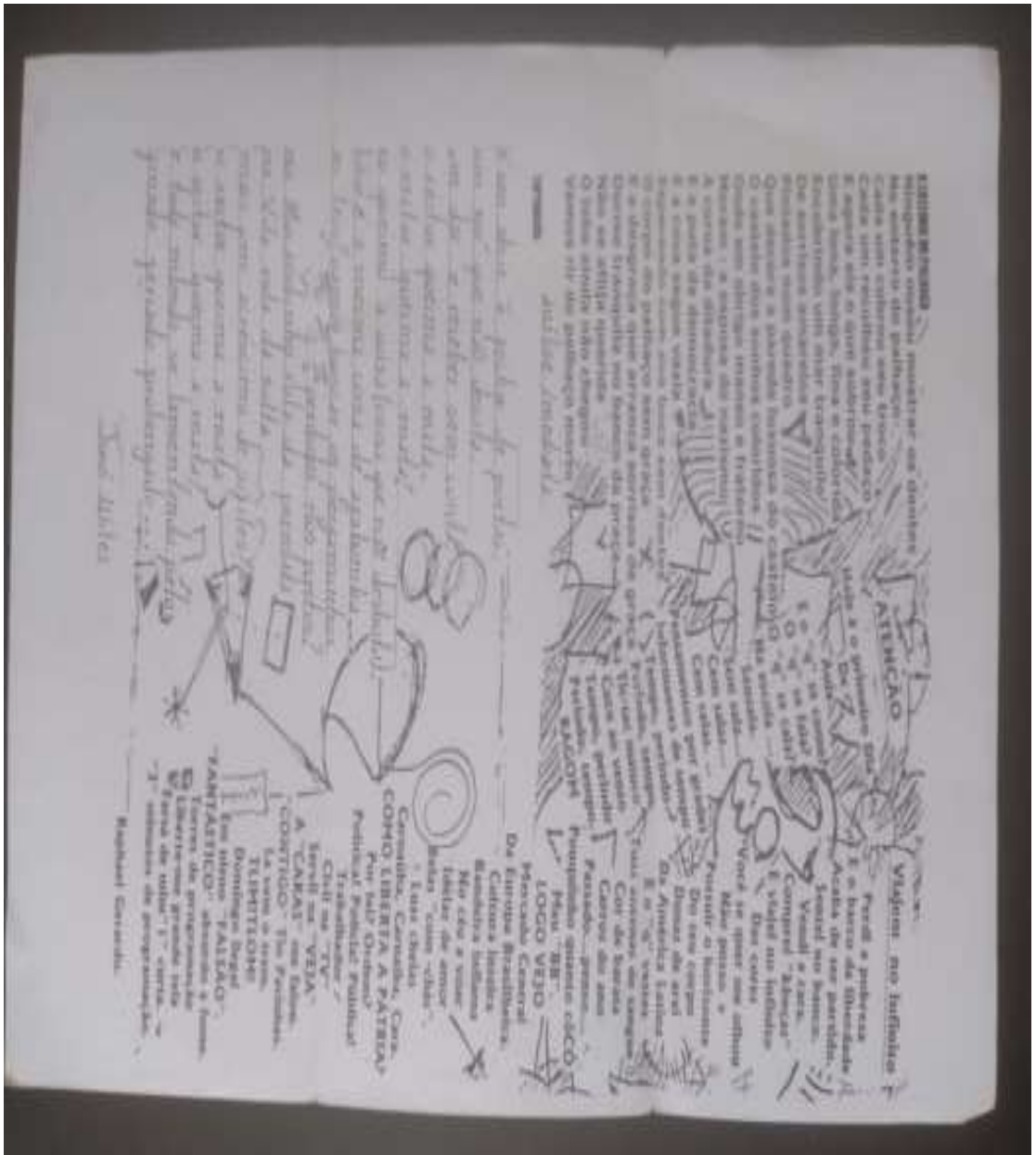
Poezine Edição nº06 publicado em 2006.



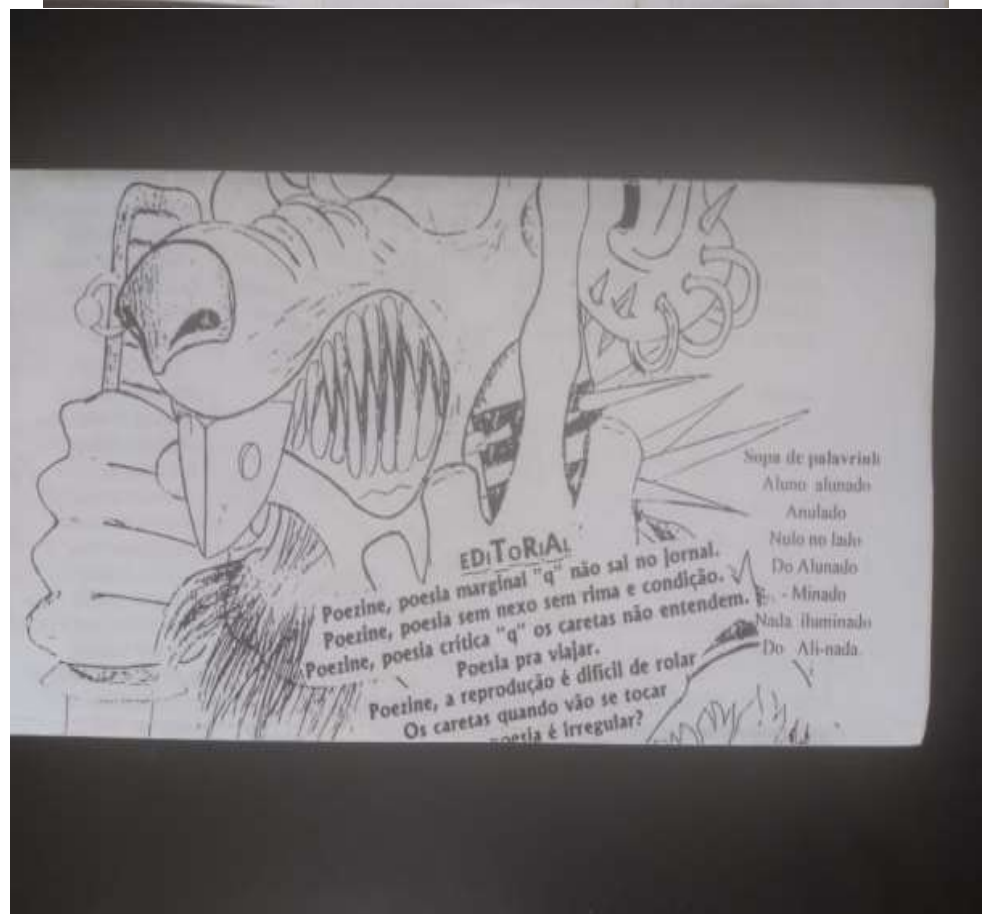
Poezine Edição nº06 publicado em 2006.



Poezine Edição nº06 publicado em 2006.



Fanzine Poezine edição nº03 publicado em 2005



Diário de campo Ratos Di Versos:

Data: 27/05/2021

Após uma reunião de orientação com a professora Dra. Francisca Verônica, em que ela me cobrou uma maior organização da pesquisa de campo e a formalização do Diário de Campo. No dia 27 de maio de 2021, quando fui novamente a campo no Sarau Ratos de Versos comecei a organizar minhas anotações em um grupo do aplicativo WhatsApp criado apenas para esse fim registrando as fotos dos eventos e gravando áudios descritivos de minhas impressões em campo, o resultado de todas essas gravações e imagens estão contidas nesse documento.



Imagem colhida no perfil do Poeta Paulo Sergio Karjal visualizada e salva pouco antes do sarau.

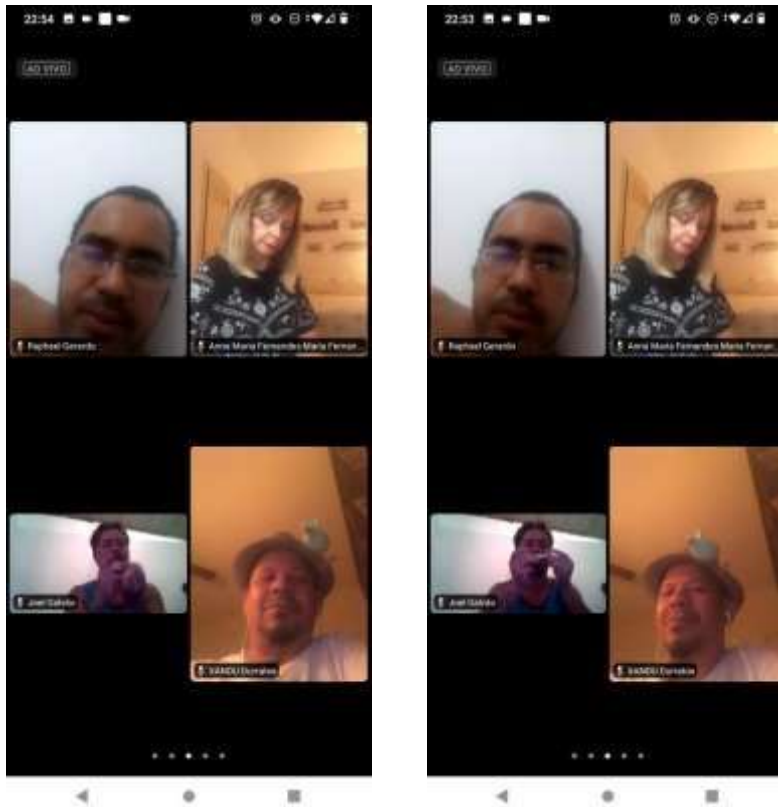
A imagem acima ilustra claramente os tipos ideais de comportamentos exercidos pelos diversos sujeitos subversivos interagem no campo comunicacional no qual a mensagem é transmitida e assimilada ou transmutada pela via do discurso que não deverá ser necessariamente lançado pela fala através da oralidade, mas, antes de uma ação social lógica e racional de produção ou reprodução de um discurso por meio do som construído da fala eu já está estruturadamente posta sobre as regras do campo, devemos receber uma carga simbólica a ser transmitida pela imagem desses sujeitos emitidas na forma de vestir-se, falar e ou interagir socialmente enquanto elementos dos vários grupos sociais a quem os sujeitos enquanto elementos do subconjunto grupo social simbolicamente transmutam as formas metamórficas da estrutura através da ação social que desemboca nas execuções dos diversos papéis sociais os quais as categorias trabalho e juventude, percebidos nessas circunstâncias, são capazes de manter ou desconstruir a estrutura vigente e posta harmonicamente em sua condição hegemônica de manutenção orgânica da ordem social uma vez e outrora pré-estabelecida.



Na parte superior da imagem a esquerda Karla Sabhat (Zyka Punk), a direita poetiza Ana Maria Fernandes. Na parte inferior da imagem a esquerda o poeta Xandu dos Ratos a direita a poetiza Vanessa Oliveira no Sarau Ratos Di Versos em 27/05/2021.



Na parte superior da imagem a esquerda Raphael Gerardo (Ragom), a direita poetiza Ana Maria Fernandes. Na parte inferior da imagem a esquerda o poeta Joel Galvão bolando um baseado de maconha, a direita Xandu dos Ratos recita poema no Sarau Ratos Di Versos on line em 27/05/2021.



Continuação da imagem da página anterior Raphael Gerardo, poeta Xandú dos Ratos, poeta Joel Galvão “bolando” um baseado e poetiza Ana Maria Fernandes.

Sarau do dia 27/05/2021:

Quinta-feira vinte e três horas e quarenta minutos quando entrei no sarau “Rato di Versos”, hoje até um pouco tarde mais de nove e meia e ainda não tinha chegado todo mundo. Batemos um papo sobre questão da prevenção COVID-19 no Rio de Janeiro e segundo o poeta Xandú as pessoas estão tomando muita ivermectina, inclusive Xandú até quis receitar pra mim enfim porque eu estou com sintomas de sintomas leves e estou mais cansado por causa disso, mas, consegui participar do sarau de hoje com dois poemas, um poema inédito fiz na hora, na verdade três poemas pois o primeiro foi inédito, fiz de improviso, e o segundo foi o conto “Dialético e a máquina do tempo”, primeiro capítulo e antes de sair eu mandei um poema do Paulo Sérgio Karjal que é lá do Rio de Janeiro, conheci ele também no Ratos Di Versos na última vez que eu fui no Rio de Janeiro, no mesmo dia que eu conheci o poeta Xandú, e enquanto ele Xandú recitava um poema hoje lembrou do dia em que fez a primeira fase da vida do Karjal e que foi com o Sérgio Vieira, como o Karjal assinava na época e fazia tudo a mão, muito interessante de fazer e guardar esse material ainda até hoje ele também recitou um poema do Sérgio Karjal na sequência. Por coincidência havia uma poetisa que eu não conhecia a Nise que ao invés de recitar o poema do Karjal e que Xandú também disse que tinha pedido solicitado ela em amizade no Facebook e prometido um poema pra ela. Então... eh... tá cedo ainda, tenho que descansar, repousar... hoje ainda assistindo aula apesar de ainda tá cansado, bastante... ainda assistindo aula... e agora a noite entrei ainda no Ratos Di Versos tentando manter a normalidade da vida. Vamos lá!

Data: 30/05/2021

Um dia antes do sarau do dia 1º de junho, várias imagens dos 15 anos dos Ratos de Versos circularam no Facebook e eu salvei para análise do movimento.



Performance de Dalberto Gomes poeta e fundador do Sarau Ratos Di Versos no aniversário de 14 anos do sarau em maio 2019.



A esquerda uma pessoa abraça poeta e fundador do Sarau Ratos Di Versos Dalberto Gomes, a direita durante sua performance no aniversário de 14 anos do sarau em maio 2019.



Arte de divulgação dos 15 anos de Ratos Di Versos



Poetiza e organizadora do Sarau Chá de Buceta Ana Rosa e poeta Dalberto Gomes um dos fundadores do sarau Ratos Di Versos recitam poemas juntos durante aniversário de 14 anos do sarau Ratos Di Versos em maio de 2019.

08:16



← Paulo Sérgio Kajal



Paulo Sérgio Kajal

6 h · 🌐



Galeraaaaaa

Apreciem a revista idealizada pelo poeta [Raphael Gerardo](#) . Com [Alexandre Durratos](#)



RAPHAELGERARDO.WIXSITE.COM
POESIA | revista-no-sensu-



Amei



Comentar



Compartilhar

👤 Você e Alexandre Durratos



Alexandre Durratos



4 h

Amei

Responder

1 🍷



Escreva um comentário...



Postagem na página do Facebook do poeta Paulo Sérgio Kajal do Rio de Janeiro –RJ sobre a página da Revista No Sensus com poemas do poeta Xandú Alexandre Durratos Rio de JaneiroRJ.



Poeta Dalberto Gomes vestido de Rato durante aniversário de 14 anos do sarau Ratos di Versos maio 2019.



Alexandre Du Ratos dividindo o bolo do aniversário do Ratos Di Versos com Marcelo Nietzsche



Marcelo Nietzsche, poeta desconhecido com máscara de Rato e escritor e poeta Eduardo Tornagui



Eduardo Tornagui Recitando poema



Poeta Marcello Nietzsche e poeta Xandú cortando o bolo de 14 anos do Sarau Ratos Di Versos maio 2019.



Aniversário de 14 anos de Sarau Ratos Di Versos maio 2019.

DATA 1º DE JUNHO DE 2021.

Visita ao Roberto Portela da banda Os Caipora no dia 1º de junho de 2021:

Terça-feira primeiro de junho de dois mil e vinte às nove horas e doze minutos acabo de chegar em casa do supermercado foi um dia que não tive aula no mestrado mas eh Bastante atividades em casa e a tarde foi ao supermercado visitei um membro do mundo do movimento alternativo de Teresina Roberto Portela vulgo Roberto Preá vida dos caiporasque é uma banda autoral piauiense e alternativa. Tivemos uma conversa bastante produtiva inclusive chegamos a compor uma música num mote de improviso falamos um pouco sobre o Rio de Janeiro eh a viagem a última ida dele ao Rio de Janeiro como foi a recepção dele Roberto Portella do Rio de Janeiro que teve contato com outros movimentos alternativos no Rio de Janeiro no qual eu não tive contato ainda e que estariam de portas abertas e com isso encerro o diário de campo de hoje.



A esquerda o músico Gaspar Roque, no centro o musico Roberto Portela (Caipora) e a direita Raphael Gerardo (Ragom).



Raphael Gerardo na casa de Roberto Portela “Os Caipora”.

Sarau 03 de junho de 2021:

Sexta-feira meia-noite e dezessete do dia quatro de junho de dois mil e vinte e um, diário de campo. Sai do sarau Ratos Di Versos. Hoje, demorei muito pouco, estava cansado. Pouco tempo mas, percebi a presença de escritores falando diretamente da Bahia negra e a intervenção da chegar também bastante interessante depois eu vou analisar com mais calma. Um salão especial pra ir falando sobre as escritoras, sobre as mulheres escritores e tem uma característica próprios pontos de vista de valorização do gênero dos escritores feministas.



Na parte superior da imagem a direita Nilze Benedicto, a esquerda Xandu. Na parte inferior a esquerda Karla Sabah (Zyka Punk) a direita Lianto Segreto, Sarau Ratos Di Verso em 03 de junho de 2021.



Na parte superior da imagem, a esquerda Nilze Benedicto a direita Dan Juan Nissan Cohen. Na parte inferior a esquerda Xandu a direita Vanessa Oliveira, Sarau Ratos Di Verso em 03 de junho de 2021.